



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEdU
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

BRUNO PADULA MEDEIROS

O TRABALHO DOCENTE E O ADOECIMENTO NO ÂMBITO ESCOLAR.

**JAGUARÃO
2023**

BRUNO PADULA MEDEIROS

O TRABALHO DOCENTE E O ADOECIMENTO NO ÂMBITO ESCOLAR

Trabalho apresentado como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestre em Educação pela Universidade Federal do Pampa (Campus Jaguarão)

Orientadora: Prof.^aDr^a Silvana Maria Gritti.

JAGUARÃO
2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

MM488ot Medeiros, Bruno Padula

O trabalho Docente e o Adoecimento No Ambito Escolar /
Bruno Padula Medeiros.

121 p.

Dissertação(Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa,
MESTRADO EM EDUCAÇÃO, 2023.

"Orientação: Silvana Maria Gritti".

1. Adoecimento. 2. Docente. 3. Mal-estar. I. Título.

BRUNO PADULA MEDEIROS

O TRABALHO DOCENTE E O ADOECIMENTO NO ÂMBITO ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Programa de Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Dissertação defendida e aprovada em: 25 de abril de 2023.

Banca examinadora:

Profa Dra Silvana Maria Gritti
Orientadora
(Unipampa)

Profa Dra Luciane Albernaz de Araujo Freitas
(IFSUL)

Prof. Dr. Jefferson Marçal Rocha
(Unipampa/UFRGS)

Prof. Dr. José Martins dos Santos
(UFFS)



Assinado eletronicamente por **Jose Martins dos Santos, Usuário Externo**, em 19/08/2023, às 11:42, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **JEFFERSON MARCAL DA ROCHA, Professor Permanente do Programa Mestrado Profissional em Educação**, em 21/08/2023, às 07:35, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Luciane Albernaz de Araujo Freitas, Usuário Externo**, em 22/08/2023, às 14:25, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **SILVANA MARIA GRITTI, Professor Permanente do Programa Mestrado Profissional em Educação**, em 23/08/2023, às 07:55, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1163831** e o código CRC **3E210EA9**.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho para meus filhos: João Pedro Ribeiro Medeiros e ao pequeno Lucca Ribeiro Medeiros que acabou de chegar para completar a família, pois, acredito que a inocência e a pureza das crianças possam tornar o mundo um lugar melhor.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir essa etapa gostaria de agradecer a todos aqueles que torceram verdadeiramente para que eu saísse exitoso nesse processo. Para esse desfecho foi necessário: diálogo, leituras, pesquisas, comprometimento e por vezes abnegação do convívio familiar e social. Agradeço em especial:

A Deus pela sua misericórdia, por me conceder saúde física e mental, principalmente, durante o período pandêmico me erguendo a cada fraquejada e me confirmando o quanto ele é bom o tempo todo.

A meus pais, José Gonçalves Medeiros (in memoriam) e Maria Dalva Padula Medeiros que me banharam de valores e princípios que levo para vida, entre eles: perseverança, respeito, amor, solidariedade e justiça social. Através do exemplo deles também aprendi, que somos suscetíveis a erros e, por isso quando aprendemos a ser resilientes possuímos uma grande virtude.

A minha esposa Suellen Ribeiro Medeiros mãe dos meus dois filhos João Pedro e Lucca. Minha amiga e companheira de quase 20 anos, dos meus 39 anos de vida. Muito obrigado, por me incentivar, me ouvir, me mostrar que a nossa caminhada é um constante aprendizado e que o nosso amor é o que nos fortalece.

Ao meu filho, João Pedro, que quando comecei o mestrado tinha pouco mais de três anos. Ele aprendeu a ser paciente, pois, muitas vezes teve que dividir a atenção que precisava com as leituras do mestrado. Sendo assim, agradeço também as pessoas que me ajudaram a cuidar do JP para que eu pudesse concluir o curso: a mãe dele (minha esposa), a minha mãe, sogra, sogro, meu cunhado, meu irmão e minhas duas irmãs. O JP precisou dividir o papai com livros, rabiscos, encontros presenciais e remotos, além de muitas horas na frente do computador, principalmente, na reta final da pesquisa. Sei o quanto esse caminho foi difícil para nós dois, mas, concluímos nos fortalecendo um no outro.

Não poderia deixar de agradecer ainda, a minha querida orientadora Silvana Maria Gritti, pela sua acolhida, bondade, sabedoria, por todos os conselhos, pelo tempo dedicado a orientação para aprimoramos esse estudo. Agradeço sua amizade e preocupação conosco (orientandos), especialmente, no zelo com a saúde de todos. Todos esses fatores refletiram seu espírito

fraternal, amável e humanizador.

Estendo meus agradecimentos aos professores Prof. Dr Jefferson Marçal, Prof.^a Dr^a Luciane Albernaz de Araújo Freitas e Prof. Dr José Martins dos Santos por todas contribuições elencadas de maneira extremamente construtivas na banca de qualificação, assim como pelo respeito e carinho deste trio maravilhoso comigo e com esse trabalho, haja vista que suas ponderações em nenhum momento descaracterizaram a pesquisa, muito pelo contrário, somaram e enriqueceram o estudo.

Estudo esse que não se realizaria sem os participantes dessa pesquisa. Desse modo, os agradeço com todo o meu coração pela participação, construção e comprometimento não só comigo, mas também com a educação como um todo. Da mesma forma, sou grato por fazer parte da Escola Municipal de Ensino Fundamental General Antônio de Sampaio que está sempre aberta para construir com a Universidade acreditando que a pesquisa pode e deve refletir para o bem viver daquela comunidade.

Finalizando agradeço aos demais docentes do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pampa por essa jornada de saberes compartilhados e aos colegas do mestrado pela oportunidade de nos conhecermos e fecharmos essa etapa.

Educação não transforma o mundo. Educação muda as
pessoas. Pessoas transformam o mundo.

(Paulo Freire)

RESUMO

Este Relatório Crítico-Reflexivo é o resultado de uma pesquisa realizada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental na cidade de Jaguarão/RS. O objetivo geral dessa pesquisa é compreender quais os fatores que desencadeiam o adoecimento ou o mal-estar docente. Nesse sentido, destacamos os fatores condicionantes que mais contribuem para o surgimento desse fenômeno, e os processos individuais de mal-estar docente, vivenciados pelos docentes da escola. O estudo revela entre outras questões, a ocorrência de um quadro e de relatos de adoecimento, caracterizados como: estresse, depressão, ansiedade, angústia, desânimo e apatia. Ainda foram manifestados e/ou revelados episódios de choros compulsivos, irritabilidade, cansaço extremo, agitação, baixa concentração e queda no desempenho profissional. Detectou-se também, através da fala dos participantes transtornos relacionados ao uso abusivo da voz, tais como: dor na garganta, sensação de falta de ar, alterações no timbre, na intensidade ou na altura da voz, além da perda temporária de voz. Os principais fatores apresentados pelos professores como desencadeadores dos seus processos de adoecimento, estão relacionados à sobrecarga e às condições de trabalho existentes na escola, especialmente, no que tangencia a dupla jornada, os baixos salários, a intensificação das funções e das atividades docentes. A natureza da pesquisa é qualitativa, em se tratando da finalidade, ela se caracterizou pelo viés da pesquisa-ação. Com relação ao tratamento de dados, adotamos a metodologia da Análise de Conteúdo nos baseando em Bardin (2011). Os instrumentos utilizados ao longo da pesquisa foram registros de atestados dos docentes da escola, atas relacionadas ao tema, gravações, caderno de anotações dos participantes e fotografias oriundas dos encontros presenciais realizados na escola com os participantes. Assim, diante das problematizações realizadas construímos uma proposta com ações que, no entender dos participantes seria uma espécie de medida que poderia minimizar os males causadores desses adoecimentos tornando o ambiente escolar um lugar menos nocivo para a saúde dos docentes. Almejamos ao entregar este documento, um ambiente escolar mais saudável e promissor as relações de convivência pensando que a docência possa acontecer de forma mais segura para a saúde dos professores. Nessa perspectiva, percebemos no decorrer do

curso que os participantes foram extremamente ativos, se apropriaram das discussões, refletiram, ressignificaram os debates, se doaram nas construções das atividades e, conseqüentemente, fizeram a diferença dentro do seu espaço de trabalho.

Palavras-chaves: Adoecimento. Docente. Mal-estar

RESUMEN

Este Informe Crítico y Reflexivo es el resultado de una investigación realizada en una Escuela Municipal de Educación Básica de la ciudad de Jaguarão/RS. El objetivo general de esta investigación es comprender cuáles son los factores desencadenantes de la enfermedad o malestar de los profesores. En ese sentido, se trató de poner de relieve los factores condicionantes que más contribuyen a la aparición de este fenómeno, así como los procesos individuales de malestar pedagógico, experimentados por los docentes escolares. El estudio revela, entre otras cuestiones, la aparición de un cuadro e informes de enfermedad, caracterizados como: estrés, depresión, ansiedad, angustia, desánimo y apatía. También se manifestaron y/o revelaron episodios de llanto compulsivo, irritabilidad, cansancio extremo, agitación, baja concentración y descenso del rendimiento profesional. También se detectaron en los participantes trastornos del habla relacionados con el abuso de la voz, como dolor de garganta, dificultad para respirar, alteraciones del timbre, la intensidad o el tono de la voz, así como pérdida temporal de la voz. Los principales factores presentados por los profesores como desencadenantes de sus procesos de enfermedad están relacionados con la sobrecarga y las condiciones de trabajo en la escuela, especialmente en lo que se refiere a la doble jornada, los bajos salarios, la intensificación de las funciones y las actividades docentes. La naturaleza de la investigación es cualitativa, en cuanto al propósito, se caracterizó por el sesgo de investigación-acción. En cuanto al tratamiento de los datos, adoptamos la metodología de Análisis de Contenido basada en Bardin (2011). Los instrumentos utilizados a lo largo de la investigación fueron registros de los certificados de los profesores de la escuela, actas relacionadas con el tema, grabaciones, cuaderno de notas de los participantes y fotografías de las reuniones presenciales celebradas en la escuela con los participantes. Construimos una propuesta con acciones que, según los participantes, serían un tipo de medida que podría minimizar los males que causan estas enfermedades, haciendo del ambiente escolar un lugar menos perjudicial para la salud de los profesores. Con la entrega de este documento, pretendemos conseguir un entorno escolar más sano y prometedor, pensando que la enseñanza puede

desarrollarse de un modo más seguro para la salud de los profesores. En esta perspectiva, notamos durante el curso que los participantes fueron extremadamente activos, se apropiaron de las discusiones, reflexionaron, resignificaron los debates, se entregaron en la construcción de las actividades y, consecuentemente, marcaron una diferencia en su espacio de trabajo.

Palabras-clave: Enfermedad. Profesor. Malestar

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1 - Artigos encontrados na plataforma SciELO | 17 |
| Gráfico 2 - Artigos que contemplaram a busca do pesquisador | 17 |
| Gráfico 3 - Teses e dissertações encontrados na plataforma CAPES | 24 |
| Gráfico 4 - Teses e dissertações que abordam a temática | 24 |
| Gráfico 5 - Atestados dos docentes entre os anos 2016-2019..... | 48 |
| Gráfico 6 - Descrição sobre os adoecimentos..... | 52 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 - Triagem nos artigos da SciELO | 15 |
| Tabela 2 - Triagem no catálogo de dissertações da CAPES | 21 |
| Tabela 3 - Triagem no catálogo de teses da CAPES | 23 |
| Tabela 4 - Dados coletados na pesquisa diagnóstica..... | 44 |
| Tabela 5 - Especificações dos adoecimentos..... | 49 |
| Tabela 6 - Panorama de representação dos Participantes..... | 56 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE– Atendimento Educacional Especializado

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEDES– Centro de Estudos e Educação

COVID 19 – Corona Vírus Disease

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

FICAE – Ficha de Comunicação de Aluno Infrequente

MS – Mato Grosso do Sul

OMS – Organização Mundial da Saúde

PE – Pernambuco

PR – Paraná

SOE – Serviço de Orientação Educacional

SciELO – Scientific Electronic Library Online

SMED – Secretaria Municipal de Educação e Desporto

SP – São Paulo

UFOP – Universidade de Ouro Preto

UNICAMP – Universidade de Campinas

UFSCAR – Universidade de São Carlos

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 08 |
| 2. JUSTIFICATIVA..... | 11 |
| 3. UMA RÁPIDA BUSCA POR TEMAS SEMELHANTES..... | 13 |
| 4. DISCUTINDO TRABALHO DOCENTE E ADOECIMENTO | 26 |
| 4.1 Trabalho | 26 |
| 4.2 Trabalho Docente | 28 |
| 4.3 Trabalho Docente na Pandemia | 30 |
| 4.4 Adoecimento Docente..... | 33 |
| 4.5 Mal-Estar | 35 |
| 4.6 Políticas Públicas Envolvendo Saúde e Educação | 37 |
| 5. A ESCOLA, OS ESTUDANTES E OS PROFESSORES..... | 39 |
| 6. PESQUISA DIAGNÓSTICA NA ESCOLA..... | 44 |
| 7. CAMINHO METODOLÓGICO | 53 |
| 7.1 Sujeitos da Pesquisa..... | 55 |
| 7.2 Metodologia da Pesquisa | 57 |
| 7.3 Instrumentos utilizados na Pesquisa..... | 59 |
| 7.4 Cronograma da Pesquisa | 60 |
| 8. DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS E ANÁLISE DA COLETA DE DADOS..... | 62 |
| 8.1 Descrição dos Encontros..... | 62 |
| 8.1.1 Primeiro Encontro..... | 63 |
| 8.1.2 Segundo Encontro..... | 64 |
| 8.1.3 Terceiro Encontro..... | 65 |
| 8.1.4 Quarto Encontro..... | 66 |
| 8.2 Análise de Dados dos Encontros..... | 68 |
| 8.2.1 Uma Visão sobre o Adoecimento Docente..... | 68 |

| | |
|--|------------|
| 8.2.2 Conceitos Pré-Estabelecidos sobre o Adoecimento..... | 69 |
| 8.2.3 Mal-estar X Bem-estar..... | 72 |
| 8.2.4 Fatores Predominantes para o Mal-estar Docente..... | 75 |
| 9. FATORES CAUSADORES DE ADOECIMENTO DOCENTE NA VISÃO DOS PROFESSORES..... | 80 |
| 10. APRESENTAÇÃO E DIÁLOGO COM A PROPOSTA DE AÇÕES SUGESTIVAS PARA MINIMIZAR QUESTÕES DE ADOECIMENTO..... | 84 |
| 11. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 90 |
| 12. REFERÊNCIAS..... | 93 |
| 13. APÊNDICES | 104 |
| 14. ANEXOS..... | 110 |

1. INTRODUÇÃO

A escolha desta pesquisa decorre das vivências realizadas pelo pesquisador na escola. Sendo aguçada a necessidade de compreender fatores causadores e/ou potencializadores do mal-estar no âmbito escolar. Dessa maneira, o objetivo desse trabalho versa justamente sobre esta compreensão, ou seja, compreender quais fatores contribuem para o adoecimento docente.

Desta forma, por estarmos nos recuperando de um período pandêmico oriundo do SARS-CoV-2, A COVID-19, inevitavelmente ocorreram e ainda ocorrem drásticas mudanças no trabalho docente, inclusive no que tangencia aos desafios e/ou dificuldades dessa profissão. Somado a isso, vieram todas as angústias, incertezas e questionamentos quanto às formas e qualidade de trabalho, bem como, as limitações dos alunos e professores expostos a esse “novo modelo” de ensino.

Ao utilizarmos a expressão: “novo modelo” em se tratando do ensino enfatizamos que a pandemia impôs uma nova forma de trabalho aos docentes, bem como, um grande desafio no tocante a aprendizagem dos educandos. Isto é, nos deparamos com as aulas presenciais sendo suspensas no Brasil e no mundo por um período significativo, como uma medida dentre tantas para diminuir os riscos de contaminação da COVID-19. Nesse sentido, as aulas presenciais passaram a ser dadas de forma remota. Isso quer dizer que os docentes precisaram elaborar o seu material de trabalho para ser disponibilizado aos estudantes de inúmeras formas: por grupos de WhatsApp, plataformas digitais e outros meios até mesmo através de atividades impressas para a retirada na escola por pais ou responsáveis, desde que garantissem aos estudantes a continuidade do ensino.

No Rio Grande do Sul, em outros estados e até mesmo países este retorno não se deu de maneira uniforme. Especificamente no nosso município esta retomada foi gradativa¹. A previsão de retorno na cidade de Jaguarão era

¹Dessa maneira num primeiro momento no processo de retomada das aulas foram facultadas aos responsáveis o retorno dos estudantes, ou seja, eram disponibilizados termos de responsabilidade que deveriam ser assinados liberando o retorno dos educandos e, por conseguinte, assumindo a responsabilidade em caso de contaminação dos mesmos. Termo este que isentava a escola, o estado ou município de tal decisão. Da mesma forma, os que por ventura não aderissem a este retorno assumiam, igualmente, o compromisso dos educandos seguirem

para meados do mês de setembro do ano de 2021 e, até que ocorresse tal concretização as escolas permaneceram somente com o ensino remoto (estudo em casa). Cabe salientar que nesse processo cada escola trabalhou conforme a realidade da sua comunidade, portanto, na escola que propomos essa pesquisa o efeito mais significativo para o ensino remoto foram as folhinhas, ou seja, atividades pedagógicas impressas retiradas pelos responsáveis nas dependências da escola e devolvidas quinzenalmente a instituição para os docentes corrigirem. As atividades também eram postadas em grupos de WhatsApp, porém, devido à dificuldade da maioria dos estudantes daquela comunidade em ter acesso aos recursos tecnológicos, a realização de atividades educativas online ou por outras mídias se tornava pouco viável.

Nessa perspectiva, a nossa motivação de escrever e pesquisar sobre o tema proposto não se dá somente pela pandemia, mas também por compreender que as transformações na vida profissional acontecem constantemente. Seja por troca de governantes e, automaticamente, por troca de gestores ou por outras concepções que acompanham a lógica capitalista, que retira o direito da maioria dos trabalhadores. No caso dessa pesquisa os direitos que mais enfatizamos são os da educação como por exemplo: o direito ao planejamento, hora atividade e formações de professores dentro do horário de serviço conforme lei do piso Nº 11.738, de 16 de julho de 2008. E Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Dito isto, na escola em questão a preparação para a avaliação tem que ser feita fora do horário de serviço, pois não há estrutura para que seja feita na escola. Até mesmo a hora atividade que poderia ser utilizada para correção de material ou para reuniões com direção e colegas foi retirada. Os professores não são liberados para fazer cursos de capacitação no horário de trabalho ao menos que o curso ofertado seja uma exigência da mantenedora (Secretaria de Educação). Além disso, os docentes que possuem desdobramento (regime suplementar de mais 20 horas), nesse regime não lhes é oferecido o dia de

realizando as atividades em casa. Com isso, tivemos o chamado retorno por meio do modelo híbrido. Nele haviam datas estipuladas para aulas presenciais e a distância, logo, parte dos alunos permaneciam em casa enquanto outra recebia as atividades presenciais. É como se fosse uma mescla entre o ensino presencial e o remoto.

planejamento. Fato este, que vem gerando inúmeros ingressos judiciais para que sejam resguardados tais direitos².

Nesse sentido, temos a preocupação com essa temática por compreender que o ambiente de trabalho deve garantir a dignidade humana. Isso quer dizer, ao nos depararmos com um número expressivo³ de colegas de profissão adoecendo física e/ou mentalmente, no ambiente no qual estamos inseridos, é necessário nos preocuparmos e denunciarmos o que está acontecendo e o que precisa ser modificado no ambiente educativo para a melhorar o exercício docente.

Desse modo, é preciso refletirmos sobre nossas ações de hoje e as futuras, com o intuito de provocarmos uma mudança desse cenário extremamente hostil, em que vivenciamos o descaso das autoridades responsáveis pela educação. Nessa lógica, almejamos que essa pesquisa sirva para esperar e contribua para modificarmos essa realidade que assola tantos profissionais da educação.

²Esses direitos como a hora atividade e o dia de planejamento por exemplo, que não é resguardado aqueles docentes que recebem mais 20 horas através do desdobramento são negados por parte da compreensão da gestão municipal, uma vez que os mesmos entendem que não é um direito. Por outro lado, muitos docentes que já tiveram o ingresso judicial para assegurar esse direito saíram exitosos neste processo.

³Podemos observar que nos últimos 4 anos foram colocados mais de quarenta atestados conforme análise realizada na pesquisa diagnóstica. Também presente na tabela 4 disponível no decorrer do trabalho

2. JUSTIFICATIVA

Esse trabalho justifica-se pela necessidade de refletirmos sobre o trabalho dos professores, e como a ausência de uma política pública que garanta condições adequadas de trabalho pode trazer consequências para a saúde dos professores. Neste sentido já temos um número significativo de pesquisas que se ocupam do adoecimento na profissão docente. Para Esteve (1999, p. 57) “ é um conjunto de consequências negativas que afetam o professor a partir da ação combinada das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência”.

Pensando nisso pretendemos que essa pesquisa possibilite refletir sobre o trabalho docente e seu impacto sobre a qualidade pessoal e profissional na vida desses docentes. Dessa maneira, compreendemos que a partir dos anseios e inquietudes dos docentes, podemos propor estratégias que propiciem um ambiente mais adequado e prazeroso para esses profissionais.

Além disso, outro fator que motivou o pesquisador nessa pesquisa tem a ver com o lado pessoal, haja vista, que o pesquisador escolheu realizar este estudo na escola, em que faz parte do corpo docente e atua atualmente, na condição de vice-diretor. Condição esta que não existia quando ingressou no Mestrado. Ainda sobre a preferência por esta escola podemos dizer que desenvolver o projeto de pesquisa nela e não em outra faz todo sentido, no instante em que o pesquisador passa a observar e/ou sentir, diariamente, frustrações no espaço escolar. Muitas delas por motivações diversas, mas que culminam em muitos casos, em uma série de atestados de saúde colocados pelos professores ano após ano.

Nessa lógica, conforme Chiavenato (2008) a qualidade de vida implica em criar, manter e melhorar o ambiente de trabalho seja em suas condições físicas, psicológicas e sociais. Isso resulta em um ambiente de trabalho agradável, amigável e melhora substancialmente a qualidade de vida das pessoas na organização.

Assim na intenção de oferecermos um ambiente mais salutar e menos propício ao adoecimento docente temos como objetivo geral da pesquisa: compreender quais os fatores que desencadeiam o adoecimento ou o mal-estar docente. Elencamos ainda neste estudo os seguintes objetivos específicos: examinar os eventuais fatores que desencadeiam o processo de adoecimento docente; verificar como é tratado o adoecimento escolar; observar se há

procedimentos de prevenção ao adoecimento escolar; identificar se a pandemia contribuiu para o adoecimento escolar e desencadear no âmbito da escola um debate acerca das condições de trabalho e do adoecimento docente propondo melhorias para o espaço educativo.

3. UMA RÁPIDA BUSCA POR TEMAS SEMELHANTES

Diante da justificativa apresentada num primeiro momento buscamos trabalhos já desenvolvidos sobre a temática do adoecimento. Utilizamos nessa busca como recorte temporal, os trabalhos publicados de 2015 até 2020.

Desta maneira, para construção desta pesquisa realizamos buscas nas plataformas CAPES e SCIELO, com o intuito de obter subsídios que pudessem nos auxiliar na composição deste trabalho. É interessante frisar que foram feitos testes com algumas palavras-chaves, entretanto, cabe ressaltar que somente quando utilizamos as palavras “adoecimento docente”, exatamente dessa forma, foi que alcançamos trabalhos que dialogam e estão mais próximos do que procuramos. Assim o caminho metodológico a ser implantado nessa pesquisa parte, inicialmente, da leitura e análise dos materiais coletados nessas plataformas, cuja relação se dá de forma direta com o objeto de pesquisa.

Na plataforma **Scielo**: foram encontrados vinte e cinco (25) artigos referentes ao tema “adoecimento docente”, para chegar a esse número utilizei o filtro buscando apenas artigos em português, e também especifiquei os anos de interesse. Assim, após a leitura e análise dos vinte e cinco (25) artigos selecionados, foram constatados que dois (02) estavam repetidos. Além disso, tinha dezesseis (16) que não estavam diretamente ligados ao objeto de pesquisa por diferentes aspectos, tais como: o foco central tratar do adoecimento nas faculdades e institutos federais ou por estar ligados diretamente à área da saúde e não da educação, entre outros. Sendo assim, chegamos ao total de sete (07) trabalhos utilizados dessa plataforma.

Na plataforma **Scielo** foram selecionados os seguintes artigos:

O adoecimento do professor frente à violência na escola da autora Marilda Gonçalves Dias Facci, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, PR, Brasil, Ano da publicação: 2019. O artigo faz uma relação entre violência na escola e o adoecimento do professor, colocando a violência como uma das causas desse adoecimento.

Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão de Regina Zanella Penteadó e Samuel de Souza Neto, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Instituto de Biociências. Departamento de Educação. Rio Claro,

SP, Brasil. Ano da publicação: 2019. O artigo faz uma análise crítica à falta de políticas públicas, assim direciona essa escassez como um causador ou agravante do mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor, além de colocar esse adoecimento como um problema histórico cultural.

Professor readaptado: a precarização do trabalho docente e o adoecimento, Marilda Gonçalves Dias Facci, Sonia da Cunha Urt, Ana Teresa Fernandes Barros, Universidade Estadual de Maringá – Maringá – PR – Brasil; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Mato Gorro do Sul – MS, Ano da publicação: 2018. O artigo traz a precarização do trabalho como forma de adoecimento, e ainda atribui as exigências postas ao professor como causa do mesmo.

Saúde do trabalhador em educação: a gestão da saúde de professores de escolas públicas brasileiras, Franciele Ariene Lopes Santana, Ilídio Roda Neves, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação Social. Corumbá, MS, Brasil. Ano da publicação: 2018. O artigo foi feito através de uma revisão literária e atribuiu o adoecimento a gestão, onde a gestão age como uma “gestão de saúde”.

Condições de trabalho e valorização docente: um diálogo com professoras do ensino fundamental I*, Valdete Aparecida Fernandes Moutinho Gomes, Célia Maria Fernandes Nunes, Karla Cunha Pádua. Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). Mariana, Minas Gerais. Ano da publicação 2019. O artigo discute as condições de trabalho consideradas importantes para a valorização docente, bem como para satisfação profissional dos professores. Esse trabalho foi realizado, através de entrevistas narrativas com cinco professoras da rede municipal de uma cidade de Minas Gerais.

Adoecimento das professoras das primeiras letras em Olinda: sintomas, queixas e diagnósticos, Edna Maria Rodrigues de Souza, Diógenes José Gusmão Coutinho, Prefeitura da Cidade de Olinda, Recife, PE, Brasil. Faculdade ALPHA, Recife, PE, Brasil. Ano da publicação 2018. O artigo analisa o fenômeno do mal-estar e adoecimento das professoras das primeiras letras sob os aspectos físicos, psicológicos e sociais. A pesquisa foi feita a partir da perspectiva dos professores, considerando as possíveis consequências. O objetivo principal foi descobrir e relacionar as principais queixas, sintomas e diagnósticos expostos em questionários semiestruturado.

Plano nacional de educação, autonomia controlada e adoecimento do professor, Evaldo Piolli, Eduardo Pinto e Silva, José Roberto M. Heloani, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação (Unicamp/FE), Campinas, SP, Brasil. Universidade Federal de São Carlos, Faculdade de Educação (UFSCar/FE), São Carlos, SP, Brasil. Ano de publicação 2015. O artigo analisa as reformas educacionais, a adoção de práticas e políticas gerenciando listas centradas em metas e indicadores e suas implicações no cotidiano laboral de escolas e universidades públicas.

Ainda com relação aos trabalhos que optei por selecionar para esse estudo, buscamos observar quais cidades e estados, têm nos últimos anos, produzido materiais acadêmicos referentes ao tema pesquisado. Atentamos ainda para o qualitativo e quantitativo dessas produções.

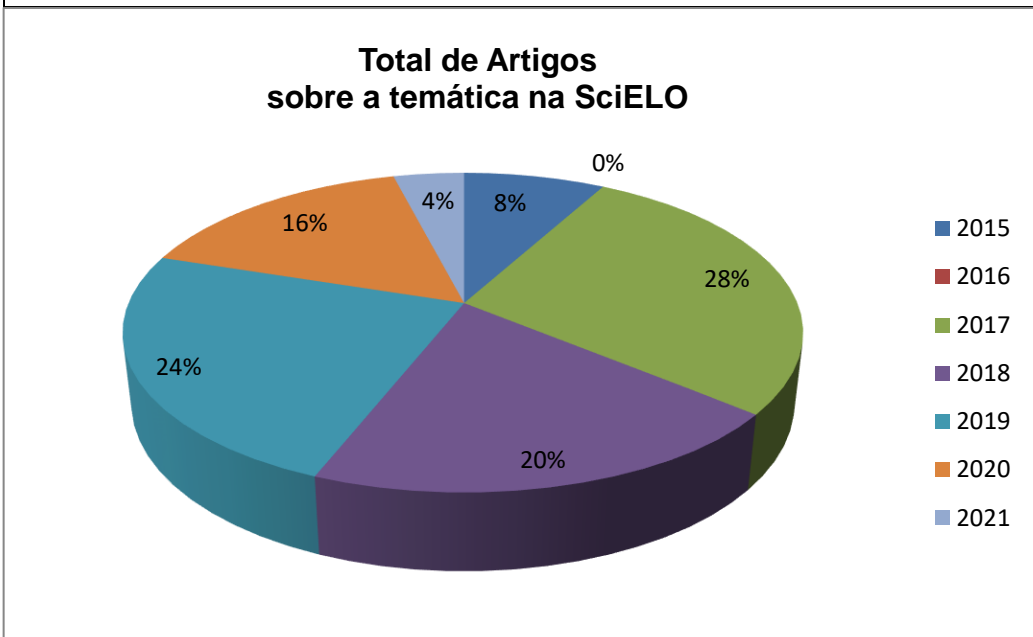
A grade abaixo mostra as informações extraídas das análises dos 25 trabalhos referentes ao tema adoecimento docente, encontrados na plataforma Scielo. O pesquisador buscou as seguintes informações: qual a universidade e o estado da publicação, número de trabalhos e o ano da publicação, conforme a tabela 1.

| Tabela 1 - Triagem nos artigos da SciELO | | |
|--|--|------------|
| Ano de publicação | Universidade e o Estado que foi escrito o estudo | Quantidade |
| 2015 | CEDES - Centro de Estudos Educação e - Unicamp, Campinas SP. Centro de Estudos Educação e Sociedade - Campinas - SP. | 2 |
| 2016 | ----- | 0 |
| 2017 | Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) cedex; São Paulo SP, -Maringá PR. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo -SP. Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo. Associação Paulista de Saúde Pública – SP Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo. Associação Paulista de Saúde pública – SP. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Curso de Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina- SC. Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro- RJ. | 7 |

| | | |
|--|---|---|
| | Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho – FUNDA CENTRO São Paulo- SP. | |
| 2018 | Centro de Estudos Educação e Sociedade - Campinas – SP. Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) cedex; São Paulo- SP,- Maringá – PR UNESPBotucatu – SP. UNESPBotucatu – SP. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Belo Horizonte – MG. | 5 |
| 2019 | PSICOLOGIA, SAÚDE & DOENÇAS, Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde, Associação Reformada Palavra da Verdade, Belém, Pará. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Brasília-DF Universidade Federal Fluminense, Departamento de Psicologia Campus do Garoará, - Niterói - RJ. Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo. Associação Paulista de Saúde Pública. SP. Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo. Associação Paulista de Saúde Pública – SP. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo- SP. | 6 |
| 2020 | Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Curso de Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina- SC. Cortez Editora Ltda. São Paulo – SP. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Rio de Janeiro- RJ. Associação Brasileira de Educação Médica, Brasília DF. | 4 |
| 2021 | Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. | 1 |
| Fonte: material elaborado pelo pesquisador | | |

Iremos perceber que o gráfico 1 traz os anos de publicação e o percentual dos 25 artigos ligados ao tema adoecimento docente publicados nos últimos anos na plataforma SciELO.

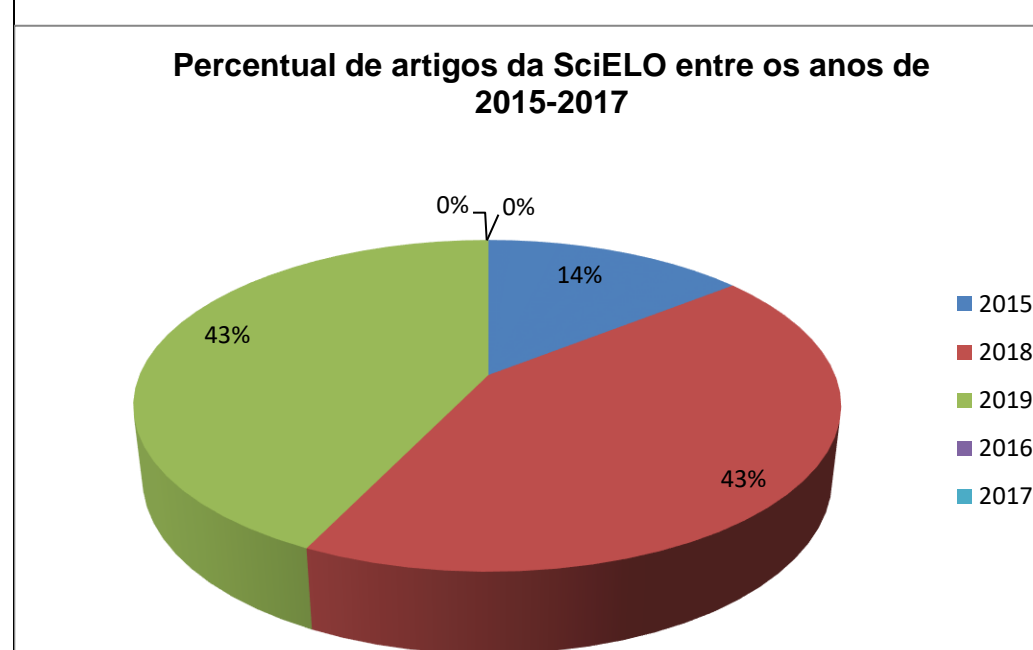
Gráfico 1 - Artigos encontrados na plataforma SciELO



Fonte: material elaborado pelo pesquisador

Nessa mesma linha, o gráfico 2 apresenta os anos de publicação e o percentual dos 07 artigos que contemplaram os dados buscados pelo pesquisador.

Gráfico 2 - Artigos que contemplaram a busca do pesquisador



Fonte: material elaborado pelo pesquisador

Analisando os gráficos podemos dizer que foram encontrados um grande número de artigos nos últimos anos na plataforma SciELO demonstrando uma grande preocupação com o tema adoecimento docente, porém, quando essa busca se volta para saúde docente, na escola de educação básica pública, seja municipal ou estadual o número é bem inferior, tendo apenas publicações em 2015 uma (1), 2018 três (3) e 2019 três (3), sendo que nos anos de 2016, 2017, 2020 e 2021 não há registro de publicações nesse campo.

Na plataforma **CAPES**, com o intuito de localizar teses e dissertações utilizamos “adoecimento docente” para realizar a busca, aplicamos como filtro apenas os anos de interesse (2015 a 2021). Dessa forma, encontramos um mil, oitocentos e doze (1812) resultados de dissertações de doutorado. Já em se tratando de mestrado, apareceram quatro mil trezentos e sessenta e sete (4367) trabalhos. Nessa busca encontramos um total de seis mil, cento e setenta e nove (6179) trabalho tornando impossível analisar todos. De toda forma, cabe registrar que foi possível perceber que existe um grande interesse sobre o assunto, até pelo grande número de publicações sobre a temática.

Nessa lógica, para elaboração da presente pesquisa optamos por realizar uma nova busca nessa última plataforma, com a intenção delimitar essa investigação dando um direcionamento mais específico ao objeto de pesquisa. Por esse viés, o pesquisador realizou uma nova busca apenas com a palavra “adoecimento”, mantendo os filtros com relação ao recorte do trabalho (2015 a 2020) e, utilizando ainda, todas as marcações voltadas à área da educação. Dessa maneira, encontramos quarenta e quatro (44) resultados entre teses e dissertações. Posto isso, após a leitura dos resumos ficamos com nove (09) trabalhos sendo oito (08) dissertações e uma (01) tese, pois os outros trinta e três (33) pré-selecionados não faziam uma referência direta ao objeto de pesquisa.

Na plataforma **CAPES** foram selecionados as seguintes teses e dissertações:

Professoras e professores: políticas públicas de trabalho e emprego no estado de São Paulo (2007/2018) e seus reflexos no adoecimento. João Luís Dias Zafalão. – Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas Dissertação de Mestrado Ano de publicação 2019.

Esta dissertação de mestrado analisa a relação das políticas públicas de trabalho e emprego no estado de São Paulo, no período de 2007 a 2018, e seus reflexos no adoecimento de professoras e professores. Consideradas como políticas públicas neoliberais e justificadas a partir da meritocracia e teoria do capital humano.

O trabalho docente e a saúde do professor: configurações e determinantes do trabalho de ensinar. Câmala de Menezes Costa Moreno. - Dissertação de Mestrado Universidade Federal do Acre – Ufac, Ano de publicação 2016.

Esta dissertação analisa a relação entre o exercício do trabalho de ensinar e a saúde dos professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que atuam efetivamente, nas escolas da rede pública de educação do município de Rio Branco-Acre.

Transtornos mentais e comportamentais em professores e as implicações para a carreira docente. / Juliana da Silva Moura. – Vitória da Conquista-BA: UESB, Dissertação de Mestrado Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Ano de publicação 2020.

Este estudo abordou a temática do adoecimento mental/ transtornos mentais e comportamentais em professores e sua relação com o trabalho docente, contexto educacional brasileiro, Desenvolvimento Profissional Docente (DPD) e carreira. Objetivou analisar as implicações que os transtornos mentais e comportamentais podem ocasionar para a carreira docente, em professores da Educação Básica, da rede pública de ensino.

Precarização do trabalho e adoecimento: a realidade de professores em uma rede de educação num município ao norte do rio grande do sul. Mario Luiz Junges Junior Dissertação de Mestrado Universidade de Passo Fundo. RS Ano de publicação 2020.

A presente dissertação trata de um tema que vem ganhando cada vez mais relevância no âmbito acadêmico e social. Estudos que relatam as condições de trabalho e suas relações com o adoecimento de trabalhadores crescem no Brasil, (...) compreender o trabalho enquanto gerador de adoecimento e analisar a realidade do adoecimento do professor em uma rede de um município do norte do Rio Grande do Sul.

Adoecimento e afastamentos de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental em Patos de Minas, MG: 2018 a 2019. / Leandro Queiroz Pereira. –Dissertação (Mestrado) – Universidade de Uberaba. Ano de publicação 2020.

No Brasil, as mudanças a partir do pensamento neoliberal têm exigido uma revisão dos modelos de formação e profissionalização do professor, de modo que novos perfis profissionais viessem atender a esse novo contexto. Diante desse quadro de reestruturação e das finalidades que se instalaram nele, aparecem fatores que podem resultar no adoecimento dos profissionais docentes, conforme tem pontuado documentos nacionais e internacionais sobre a relação do trabalho e o processo saúde/doença.

A precarização do trabalho e os impactos para o processo de adoecimento da classe trabalhadora docente. / Abília Ana de Castro Neta, Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Ano de publicação 2020.

O presente estudo organiza-se no esforço de promover uma reflexão no tocante à precarização do trabalho docente, em face das mudanças ocorridas no mundo do trabalho, impulsionadas pelos processos de reestruturação capitalista. Destarte, esta investigação se propõe a analisar como a precarização do trabalho impacta o processo de adoecimento dos professores da rede estadual de ensino.

Impactos da precarização do trabalho sobre a saúde das docentes da educação infantil / Andréa Cristina Cunha Solimões. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, Ano de publicação 2015.

Esta dissertação desenvolve uma análise crítica sobre as condições de trabalho na educação infantil a fim de estabelecer possíveis relações com o processo de adoecimento que vem atingindo os docentes nas últimas décadas. A análise das condições de trabalho dos docentes que atuam nessa etapa da educação básica,

Sofrimento e prazer no trabalho: um estudo sobre os processos de saúde-doença de professores da educação municipal./ Geny Gonçalves dos Reis, Dissertação de Mestrado- Universidade Federal de São Carlos, Ano de publicação 2017.

A presente pesquisa tem o objetivo de compreender e analisar o sofrimento no trabalho a partir da perspectiva do professor da Educação Básica. Como sofrimento e prazer não são incompatíveis, mas sim um par contraditório e indissociável tratou não somente daquilo que no trabalho faz sofrer, mas sim como os professores lidam com o sofrimento, de forma a considerarmos as possibilidades de prazer que surgem no embate desses par.

Os discursos do adoecimento docente no Brasil: uma problematização do endividamento docente / por, Jaqueline Marafon Pinheiro Tese (doutorado) Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo RS. Ano de publicação 2020. A presente pesquisa aborda o tema adoecimento docente, e o gênero da docência conceituando que a mulher percebe mais o ambiente sendo mais propícia ao adoecimento.

Enfatizamos que nesta plataforma quando realizamos as buscas tanto nos anos de 2018 como também em 2020 só conseguimos acesso a resumos e a alguns dados, pois, não há divulgação autorizada de dissertações de mestrado.

Ainda com relação aos trabalhos que o pesquisador optou por selecionar para esse estudo, buscamos observar quais cidades e estados, têm nos últimos anos, produzido materiais acadêmicos referentes ao tema pesquisado. Atentamos ainda para o qualitativo e quantitativo dessas produções.

As grades abaixo mostram as informações extraídas das análises dos 44 trabalhos referentes ao tema adoecimento docente, encontrados na plataforma CAPES. O pesquisador buscou as seguintes informações: qual a universidade e o estado da publicação, número de trabalhos e o ano da publicação, e separou em dois grupos as teses e as dissertações conforme os expostos a seguir na tabela 2 e 3:

| Tabela 2 -Triagem no catálogo de dissertações da CAPES | | |
|--|--|------------|
| Ano de publicação | Universidade e o Estado que foi escrito o estudo | Quantidade |
| 2015 | UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis- SC. UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/RIO CLARO, Rio Claro- SP. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Belém | 3 |
| 2016 | UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE, Rio Branco- ACRE. | 2 |

| | | |
|------|--|----|
| | UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, Uberlândia-MINAS GERAIS. | |
| 2017 | FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO, Passo Fundo-RS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, São Carlos-SP. UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO, Campo Grande-MS | 3 |
| 2018 | UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, Uberlândia-MINAS GERAIS. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Belém. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília. UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, Uberlândia-MINAS GERAIS. UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA, Vitória da Conquista- BAHIA. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal. | 6 |
| 2019 | UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, SP. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal- RIO GRANDE DO NORTE. UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (PRESIDENTE PRUDENTE), Presidente Prudente- SP. | 3 |
| 2020 | UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO, Campo Grande-MS. FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO, Passo Fundo. RS. UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA, Vitória da Conquista- BAHIA. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá. UNIVERSIDADE DE UBERABA, Uberaba- MINAS GERAIS. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas- SP. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB- Vitória da Conquista- BAHIA. UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória.. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ, Chapecó- SC. UNIVERSIDADE DE UBERABA, Uberaba- MINAS GERAIS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis- SC. | 12 |
| 2021 | ----- | 0 |

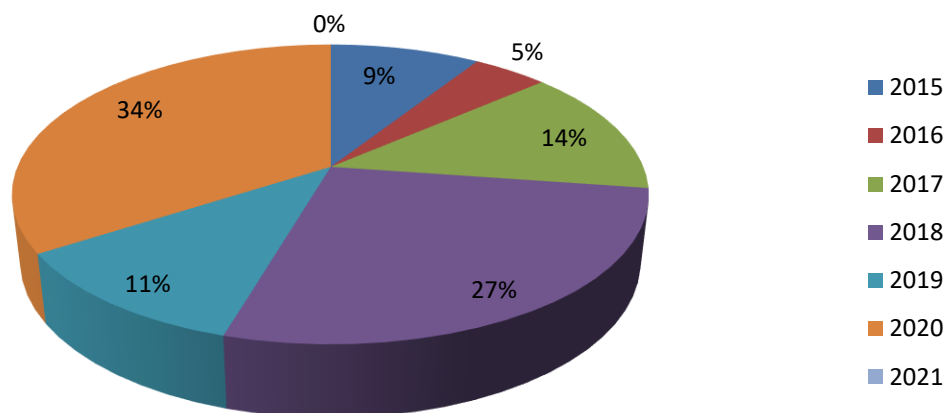
Fonte: material elaborado pelo pesquisador

| Tabela 3 - Triagem no catálogo de teses da CAPES | | |
|--|--|------------|
| Ano de publicação | Universidade e o Estado que foi escrito o estudo | Quantidade |
| 2015 | UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre- RS. | 1 |
| 2016 | ----- | 0 |
| 2017 | UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, Uberlândia-MINAS GERAIS. UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, Manaus. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília. | 3 |
| 2018 | UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília. UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA, Brasília. UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (PRESIDENTE PRUDENTE),SP. UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo. | 5 |
| 2019 | UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas-SP. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA,- RS. | 2 |
| 2020 | UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, São Leopoldo-RS. UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO, Itatiba-SP. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, São Carlos-SP. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília. | 4 |
| 2021 | ----- | 0 |
| Fonte: material elaborado pelo pesquisador | | |

O gráfico 3 traz os anos de publicação e o percentual das 44 teses e dissertações ligadas ao tema adoecimento docentes publicados nos últimos anos na plataforma CAPES.

Gráfico 3 - Teses e dissertações encontrados na plataforma CAPES

Percentual de Teses e dissertações CAPES entre os anos de 2015-2021

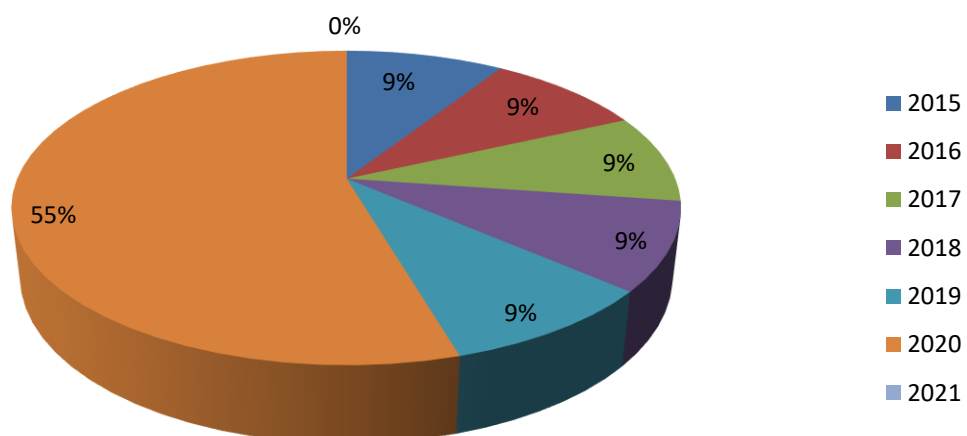


Fonte: material elaborado pelo pesquisador

O gráfico 4 localizado logo abaixo expõe os anos de publicação e o percentual das 11 teses e dissertações que contemplarão os dados buscados pelo pesquisador.

Gráfico 4 – Teses e dissertações que abordam a temática

Percentual de trabalhos utilizados entre da CAPES entre os anos de 2015-2021



Fonte: material elaborado pelo pesquisador

Ao analisarmos os gráficos 3 e 4 podemos dizer que foram encontrados um grande número de teses e dissertações publicadas nos últimos anos na plataforma CAPES demonstrando uma grande preocupação com o tema adoecimento docente, porém, quando essa busca se volta para saúde docente, na escola de educação básica e pública, seja municipal ou estadual o número é bem inferior.

4. DISCUTINDO TRABALHO DOCENTE E ADOECIMENTO

Neste capítulo discutiremos conceitos teóricos que utilizamos na construção desta pesquisa. Primeiramente dissertaremos sobre o conceito de trabalho e trabalho docente, na sequência, abordaremos o adoecimento e o mal-estar no âmbito escolar e, logo em seguida, falaremos sobre as políticas públicas que envolvam saúde e escola.

4.1 Trabalho

Ao falarmos sobre trabalho é inevitável não pensar no seu surgimento, a partir do início da humanidade e o quanto este refletia a incessante busca pela sobrevivência que até hoje experienciamos, mesmo que com características distintas devido ao contexto de cada momento histórico. Nesse sentido, podemos nos reportar a tempos remotos em que o homem, criava suas próprias ferramentas rudimentares, que os serviam de aporte para caça, para defesa pessoal e de seu território.

Dessa maneira, corroboramos com o entendimento de Saviani, isto é, “conforme se modifica o modo de produção da existência humana, portanto o modo como o ser humano trabalha, mudam as formas pelas quais os homens existem” (SAVIANI, 2003, p. 133). Isso quer dizer que o trabalho é inerente à condição humana, sendo, o trabalho um elemento essencial na produção da existência humana, pois, desde os tempos mais remotos já havia amostras de trabalho manual, físico, organizacional entre outras começavam a fazer parte das necessidades que englobavam a luta do ser humano para subsistir.

Dito isso, podemos dizer que o trabalho pode ser abordado de diversas maneiras e enfoques, portanto, ele pode ser compreendido como uma espécie de “(...) levedura (...) a objetividade de que se compõe o capital deve ser elaborada, consumida pelo trabalho (...) a mera subjetividade do trabalho enquanto forma pura deve ser eliminada e superada (...)” (MARX, 1986, p.238).

Nessa perspectiva podemos conceituar a palavra trabalho como uma atividade no qual o ser humano produz sua própria existência. Essa afirmação é de Marx (1983). Por essa lógica, não quer dizer que o ser humano exista para o trabalho, mas é por meio dele que produz os meios para manter-se vivo. Dito

isso, o impacto do trabalho e do seu contexto exercem grande influência na construção do sujeito.

Trabalho é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a Natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum a todas as suas formas sociais. (MARX, 1983, p. 153)

Desse modo, a concepção de trabalho pode ser entendida enquanto um conjunto de atividades realizadas por meio do esforço feito por um ou mais indivíduos, com o objetivo de atingir uma meta. Tudo isso seria perfeito se a ganância não se sobressaísse à dignidade humana, na medida em que o lucro é o que realmente importa para atender as expectativas do capitalismo. Dessa forma, essa constatação torna-se cada vez mais evidente nessa sociedade que mais exclui do que inclui os sujeitos.

Cabe ressaltar que essas situações degradantes acontecem há tempos. É só lembrarmos os trabalhos nas fábricas com as tecelãs ou nas máquinas com os homens. Em ambos os casos, o relógio na parede já era um controlador da rentabilidade daqueles indivíduos, que permaneciam por longas horas, com os mesmos movimentos, sempre na mesma função gerando a eles, um grande desgaste físico e mental. Muitas vezes nem ao menos tinham o direito de ir ao banheiro quiçá de sentar. Essa situação degradante ocorreu por muito tempo ocasionando traumas, pelos movimentos recorrentes e, principalmente, na sanidade desses trabalhadores. Diante dessa dura realidade devemos buscar uma.

(...) sociedade que tenha o ser humano e suas relações com a natureza, por meio do trabalho, como centro e na qual a ciência e a tecnologia estejam submetidas a uma racionalidade ética ao invés de estarem, quase exclusivamente, a serviço do mercado e do fortalecimento dos indicadores econômicos (MOURA, 2008, p. 26).

Dessa maneira evidenciamos que existem muitas incongruências não só na composição e no modo de produção capitalista, bem como, na seara da educação e do trabalho mediante esta conjuntura que envolvem diversas lutas ao longo dos anos por melhorias nestas classes trabalhistas. Dito isso um

trabalho dentre seres humanos “garante que muitas decisões, pelo menos como possibilidade, sejam inalienáveis” (JAÉN, 1991, p. 82).

Sendo assim, segundo Braverman (1997), quando tratamos do trabalho humano, deveríamos pensar como algo inegociável, justamente, por que é humano. Para esse autor, não é possível destruir a lógica do capital, todavia, a natureza humana do trabalho tende a ser um contraponto que se difere nas relações sociais de trabalho postas pelo sistema capitalista, sendo esta uma referência defendida por Marx.

4.2 Trabalho Docente

A profissão docente no Brasil tem seu início no período da colonização com os jesuítas. Após a expulsão dessa ordem do território brasileiro, inicia-se um processo de institucionalização da formação docente, com o advento das escolas normais no século XIX, a partir de iniciativas governamentais. Consolidando-se no século XX como locus da construção de cultura escolar no que tangencia as ordens educacionais, sociais e políticas (SAVIANI, 2009).

Nos anos que compreendem as décadas de 1930 a 1960, o Brasil passava por transformações estruturais. Fato este que resultou em um elevado crescimento no modo de produção capitalista culminando na construção do sistema nacional de educação pública. Neste contexto, podemos compreender que a educação e o trabalho estiveram, senão em todos, na maioria dos momentos históricos à mercê dos interesses capitalistas (Marx, 1986).

Posto isto, quando refletimos sobre a composição do processo educativo escolar percebemos uma redução no desenvolvimento das potencialidades intelectuais do indivíduo em detrimento daquelas que funcionam “(...) como geradores de capacidade de trabalho e conseqüentemente produção”. (FRIGOTTO 1999, p. 40). Dessa forma, a formação independentemente de ser escolar ou não, deve respeitar as singularidades e possibilitar que os campos cognitivos não sejam utilizados como instrumentos de doutrinação dos sujeitos.

Nessa lógica, precisamos ter o discernimento para compreender que a escola é constituída por múltiplos sujeitos que possuem particularidades distintas. Nesse sentido, ao pensarmos sobre o dia a dia de uma escola, podemos enfatizar que ela

não se faz somente com os professores, na realidade, soma-se ao trabalho destes o de muitos outros profissionais para que resulte como fruto desse esforço coletivo, criado a partir da diversidade profissional (SORATTO, OLIVIE, HECKLER 1999, p. 122).

Desta forma, uma escola não constrói aprendizagem e conhecimento por parte de um sujeito só dentro de sua individualidade, haja vista, que a sala de aula é um espaço onde a aprendizagem envolve a relação entre os sujeitos. Assim sendo, cabe enfatizar que existem outros espaços formativos que se configuram enquanto mecanismos para a realização, inclusive contemplando outros sujeitos para além da figura do professor. Nessa perspectiva, a sala de aula é apenas uma parte desse mecanismo de construção de aprendizagem e conhecimento que chamamos de escola (SORATTO, OLIVIE, HECKLER, 1999).

Pensando nisso, no que se diz respeito ao trabalho docente podemos notar uma imensidão de compromissos, cobranças e fracassos atribuídos ao docente. Dessa maneira, a docência exige um aprendizado constante com formações, cursos e aperfeiçoamento, que nem sempre dão conta de tamanha exigência. Nesse sentido à docência

(...) é um trabalho socialmente reconhecido, realizado por um grupo de profissionais específicos, que possuem uma formação longa e especializada (geralmente de nível universitário ou equivalente) e que atuam num território profissional relativamente bem protegido: não ensina quem quer; é necessária uma permissão, um credenciamento, um atestado, etc (TARDIF; LESSARD, 2009, p. 42)

Dito isso, engana-se quem pensa que o trabalho docente resume-se ao que é visto na/em sala de aula. Ele vai muito além, pois, quando a maioria dos trabalhadores chegam em casa e, normalmente, vão realizar outras atividades: domésticas, lazer, entre outras; o docente continua trabalhando em prol de sua profissão. E, no ensino remoto a demanda foi ainda maior, pois na docência temos planejamento de aulas, estudos de qualificação, correção e elaboração de provas, entre outras atividades. E, assim permanecemos nesse círculo vicioso que parece não ter fim, visto que, envolve muitas outras obrigações que não se resumem ao

(...) trabalho realizado em sala de aula, como o processo que envolve o ensino e a aprendizagem, mas, também a participação do professor no planejamento das atividades, na elaboração de propostas político-

pedagógicas e na própria gestão da escola, incluindo formas coletivas de realização do trabalho escolar, articulação da escola com as famílias e a comunidade. (DUARTE et al 2008, p. 222)

Assim quando analisamos o trabalho docente, desmistificamos a visão de que o professor atua apenas na sala de aula, uma vez que esse processo tem uma amplitude muito mais complexa. Além da sala de aula o professor tem que ocupar outras funções dentro e fora da escola. Nessa perspectiva, o trabalho docente abarca

(...) a ação, a cognição e a emoção, fazendo com que as situações e as interações locais dependam de seus agentes (docentes e discentes), mesmo que os conhecimentos e condutas sejam especificados pelos contextos. As atividades sociais dos agentes precisam ser negociadas e relacionadas às suas experiências e formação. Isso indica que o trabalho docente, concomitante à sua dimensão social, é também um trabalho emocional (VIEIRA; FONSECA, 2010 p. 04).

Desse modo, o trabalho docente perpassa o solo das incertezas, pois, sua aplicabilidade envolve agentes históricos. Fato esse, que comporta acordos muitas vezes provisórios, em que as garantias têm mais haver com confiança, do que com hierarquia, principalmente, se quisermos garantir a construção de significados, a produção e o compartilhamento de saberes mesmo com relações sociais complexas. Além disso, a práxis docente passa por um exercício reflexivo contínuo, que repensa formas, conteúdos, metodologias objetivando sucesso na socialização do trabalho docente em consonância a realidade histórica vivida.

4.3 Trabalho Docente na Pandemia

O novo Coronavírus (COVID-19) causou o adoecimento da população em função do vírus Sars-Cov-2, cujo primeiro caso de infecção foi registrado em dezembro de 2019 em Wuhan, na China. Desde então, aquilo que inicialmente pensávamos que pudesse ser uma epidemia cresceu exponencialmente atingindo diversos países do mundo. Diante desse cenário, em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde considerou que se tratava de uma pandemia que atingiu inúmeros setores, entre eles a educação (OMS, 2019).

Desde março de 2020, cerca de 48 milhões de estudantes deixaram de frequentar as atividades presenciais nas mais de 180 mil escolas de

Ensino Básico espalhadas pelo Brasil como forma de prevenção à propagação do coronavírus (INEP, 2019).

Dessa maneira, as diversas circunstâncias impostas pela COVID-19 trouxeram uma série de mudanças ao contexto educacional, uma vez que foi necessário o fechamento de escolas e instituições de ensino superior para conter a transmissão do vírus. Nesse sentido, Furtado (2020) vê como uma das necessidades contemporâneas, impostas pela pandemia, a obrigação de pensar como as pessoas se adaptarão a essa nova realidade, em particular, no contexto educacional, pois, esta pandemia impôs uma nova realidade trazendo mudanças drásticas para todos os setores: econômico, social, entre outros.

Nessa lógica, em se tratando do âmbito educativo adotamos como nomenclatura de trabalho a expressão o “novo normal”. Isso envolve pensar, questionar e se reinventar quanto ao modelo educativo até então vigente, ou seja, estávamos nos deparando com o afastamento das relações de sociabilidade baseadas no contato entre os sujeitos oriundo das relações afetivas construídas em sala. O sentar junto e o dividir, por exemplo, passaram a fazer parte da lista de restrições quando tratamos de distanciamento social. Além disso, para muitos, era chegado o momento de sair da zona de conforto e enfrentar o “novo”. Novo este que provoca medo, pois, não conhecemos o caminho a percorrer.

As mudanças exigidas no perfil de um novo profissional são presentes e deixam muitos professores insones e preocupados na procura de como ensinar em um mundo com tantas mudanças. Elas não param de acontecer a uma velocidade de que não permite que o acompanhamento seja generalista (MUNHOZ 2018, p. 34).

Ainda nesse contexto de transformações sofridas no mundo todo devido ao período pandêmico, bem como de mudanças vividas pelos docentes, podemos dizer que não estávamos preparados para encarar essa realidade, logo, nos deparamos com um alto nível de estresse, ansiedade e frustrações. Desse modo, para Leite; Souza (2007), a atualidade revela e aponta os novos rumos e desafios nas tarefas educacionais, que, sob um olhar mais amplo, podem ser considerados como um ato quase impossível de ensinar.

Dessa forma, parece haver falta de esperança, trabalho intenso, estresse excessivo e, sobretudo, um evidente descaso acompanhado da falta de apoio social, político e cultural deixando grande parte dos professores frustrados, por vezes, sobrecarregados, adoentados e em sofrimento. Por isso, o ato de ensinar

(...) tornou-se penoso e há uma angústia por não saber fazê-lo atualmente. Estes professores parecem anunciar um descompasso entre suas concepções, valores e representações acerca do ensinar – elaboradas no decorrer da carreira – em relação aos estudantes com os quais atuam (...) (VASCONCELOS E MIRANDA, 2012, p. 2),

Dessa forma, a pandemia exigiu dos professores que se reinventassem em um curto período de tempo, portanto, incorporar as tecnologias da informação e da comunicação tornou-se quase que uma obrigatoriedade na relação entre professores e estudantes, haja vista, que o ensino presencial foi sucumbido, logo, além de todas as adaptações pedagógicas necessárias para que as aulas remotas pudessem acontecer, o domínio das tecnologias tornou-se outra exigência. Todos esses desafios para Duraku&Hoxha (2020) acarretaram uma sobrecarga de trabalho.

A pandemia agravou o cenário de aprendizagem dos estudantes, principalmente, com as crianças e adolescentes de baixa renda. Nesse sentido, os professores ficaram com uma incumbência quase que utópica de fazer um trabalho de qualidade e alcançar todos os estudantes. Tarefa extremamente difícil, devido, ao grande abismo existente entre aqueles que têm muito e os que pouco têm. Fator este, que causa frustrações aos professores e evidencia que não existe uma fórmula que padronize todos educandos, pois, as oportunidades não são iguais (NASCIMENTO, RAMOS, MELO E CASTIONI, 2020). Uma vez que sabemos que a conjuntura econômica, social e política interfere no processo de ensino-aprendizagem.

A insatisfação e a falta de perspectiva de crescimento desestimula professores, que passam a ver a escola e suas atividades como um fardo pesado e sem gratificação pessoal minando suas forças internas motivacionais no dia-a-dia. “o resultado é a queda no desempenho, frustração, alteração de humor e consequência físicas e mentais” (LIPP, 2002 p. 19).

Nesse sentido afirmamos que as dificuldades encontradas pelos professores na pandemia são inúmeras envolvendo angústias, anseios, metas e

objetivos pré-estabelecidos que ao não serem alcançados podem gerar consequências nocivas à saúde do professor.

4.4 Adoecimento Docente

Antes mesmo de nos dedicarmos a discussão sobre o adoecimento, pensamos ser de grande relevância falarmos sobre o conceito de saúde. Também é interessante conceituarmos o que compreendemos por saúde do trabalhador. Nesse sentido, o conceito de saúde pode ser defendido pelo viés da “saúde com possibilidade de adoecimento” (Canguilhem, 2006; Coelho & Almeida Filho, 2003).

Nessa seara, podemos entender a saúde enquanto uma referência no enfrentamento do novo, isto é, pela “margem de tolerância ou de segurança que cada um possui para enfrentar e superar as infidelidades do meio” (CANGUILHEM, 2006, p. 148). Nessa mesma linha, Coelho & Almeida Filho, (2003) acreditam que um dos elementos característicos da saúde é a própria ameaça à da doença. Indo além, Sabroza (2001) defende a ideia que o conceito de saúde deve estar incluso naqueles que não são precisos, logo,

ao contrário de conceitos bem estabelecidos, demarcados pelos limites que explicitam as suas condições, os conceitos imprecisos são definidos a partir de questões centrais e de suas interações com outros conceitos com os quais se relacionam, sempre a partir de perspectivas definidas em determinado período histórico (SABROZA, 2001, 04).

Sendo assim, corroboramos com Sabroza (2001) sobre esse conceito, ao passo que sua construção se realiza com agentes sociais concretos, bem como, por suas transições no tempo histórico. Falando sobre essa historização adotamos nesse estudo a concepção de saúde do trabalhador num panorama bastante próximo ao que propõe Sabroza (2001).

O conceito de saúde do trabalhador é carregado de historicidade, criticidade. Então, pensar em saúde do trabalhador significa trazer à tona dois referenciais fundamentais: a análise do processo de trabalho, a partir da acepção marxiana, e o trabalhador como ser social de intervenção desse processo em torno da luta pelo direito à saúde e condições de trabalho que não o agrida (OLIVAR, 2010, p. 316).

Posto isso, é importante enfatizarmos que a saúde do trabalhador tem custado caro. E pouco importa essa para o capital, uma vez o valor que lhe é estimado se dá pelo lucro, ou seja, o que importa é produtividade do trabalhador, independentemente da sua especialidade, assim o trabalho “docente é parte da totalidade constituída pelo trabalho no capitalismo, estando submetido, portanto, à sua lógica e às suas contradições” (DUARTE. 2011, p. 163). Pensando nisso, talvez esse seja um dos motivos, que faz com que boa parte dos docentes abandone a profissão ou adoença.

As implicações para a saúde do professor, diante das atuais formas de ser do trabalho educativo configuram um quadro problemático, que permeia desde o abandono da carreira até problemas de saúde, relacionado ao sofrimento extremo, colocando em questão a relação entre a objetividade social, os sentidos do trabalho e a sua não realização (LANDINI. 2006, p. 01).

Ainda nesse sentido podemos dizer que a docência é, historicamente, uma profissão em que a sociedade deposita muitas expectativas. Essa atividade que já foi considerada uma ocupação considerada “nobre” foi deixando de ser valorizada socialmente ao longo do tempo, ocasionando uma série de percalços, com relação às expectativas colocadas no educador e, por conseguinte, no educando.

Assim Benevides-Pereira (2012) diz que diante desses entraves damos destaque às muitas obrigações impostas ao educador e o pouco apoio e instrumentalização para que essas se efetivem, portanto, o professor tornou-se um profissional carente de atenção, tanto no campo de trabalho quanto em relação à própria saúde. Nessa lógica, os estudos de Czekster (2009), Landini (2006) e Paparelli (2010) demonstram casos, em que docentes estão em processo gradativo de adoecimento.

Dessa maneira, no dicionário organizado por Oliveira et al (2010), o conceito de adoecimento refere-se ao ato de adoecer, acarretando uma interrupção, uma disfunção sistemática e/ou corpórea. Ainda que tenhamos essa conceituação ao realizarmos leituras sobre o adoecimento percebemos que há uma escassez de conceitos nesta temática. Isto é, encontramos causas e/ ou consequências, contudo, na grande maioria das vezes a concepção de mal-estar se sobressai a de adoecimento, por vezes parece que se trata de uma mesma conceituação. Dito isso, justificamos nesse momento a carestia de discussão

sobre este conceito, entretanto, se fossemos adotar uma designação pessoal talvez vinculássemos este conceito com sofrimento.

4.5 Mal-Estar

Quando tratamos do termo mal-estar, não nos referimos apenas ao seu conceito e a ideia de não estar bem com alguma situação, mas, estamos tratando de suas inúmeras variáveis e causas, em maior ou menor gravidade que assolam sujeitos distintos. Além disso, ao discorrermos sobre esse conceito cabe inserirmos, inicialmente, nesse debate o sentido contrário (bem-estar) que permeia um caráter qualitativo unindo

(...) o sentimento de bem-estar, a visão da finitude dos meios para alcançá-lo e a disposição para, solidariamente, ampliar as possibilidades presentes e futuras. Portanto, da mesma forma que a noção de saúde, a qualidade de vida, dentro do enfoque ecossistêmico, é como um guarda-chuva onde estão ao abrigo nossos desejos de felicidade; nossos parâmetros de direitos humanos; nosso empenho em ampliar as fronteiras dos direitos sociais e das condições de ser saudável e de promover a saúde (MINAYO, 2002, p 174).

Desse modo, compreendemos que o bem-estar se trata de um estado de plenitude dos sujeitos. Por outro lado, ao pensarmos na sua antítese nos reportamos a Sigmund Freud, o pioneiro, segundo Rodrigues (2009) na introdução (1930) do conceito de mal-estar. Visto que o mesmo analisou o sofrimento humano e suas variáveis psicossomáticas em seu livro, intitulado: “O mal-estar na cultura”, neste Freud elucida que o caráter estrutural do mal-estar ocorre pela tensão dada na relação com o outro.

Nessa perspectiva, para Rodrigues (2009) o mal-estar trata-se de um fenômeno de caráter mundial que pode ser estimado, enquanto uma doença social que reflete transformações sociais e econômicas afetando profissões, entre elas a docente. Por esse viés, trazemos outra definição por meio das contribuições de Esteve (1999).

A expressão “mal-estar docente” é intencionalmente ambígua. O termo “mal-estar” refere-se, segundo o Dicionário da Academia Real da Língua, a um “desolamento ou incômodo indefinível”. A dor é algo determinado e que podemos localizar. A doença tem sintomas manifestos. Quando usamos o termo “mal-estar” sabemos que algo

não vai bem, mas não somos capazes de definir o que não funciona e por que (ESTEVE. 1999 p. 12, aspas do autor).

Dessa maneira, Esteve (1995) trabalha com algumas consequências mais evidentes e presentes no mal-estar docente, a saber: sentimentos de desajustamento, desejos manifestos ou velados de abandonar a docência, esgotamento, angústia, estresse, auto depreciação, depressão, ansiedade, entre outras. Diante disso, torna-se urgente pensar e repensar as formas de ensino e aprendizagem – presencial híbrida ou remota – para que docentes e alunos não venham a intensificar, de maneira negativa, questões vinculadas a esse mal-estar.

Cabe ressaltar que conforme Esteve (1999), o termo mal-estar docente é uma preocupação comum no cotidiano da maioria dos professores, que estão desconformes não só com suas condições de trabalho, mas também consigo mesmos. Nessa lógica, Souza e Leite (2011), enfatizam que a nomenclatura mal-estar docente descreve efeitos duradouros de caráter negativo, cuja personalidade afeta o professor, resultado nas condições do exercício da docência.

Diante dessas discussões, mencionamos uma designação que está bastante em voga, que é a “Síndrome de Bornout”. Esta ocasiona um esgotamento profissional a tal ponto, que no Brasil, surge um decreto (3.048, de 6 de maio de 1999), aprovando o Regulamento da Previdência Social sobre, Agentes Patogênicos causadores de Doenças Profissionais que comporta uma tabela que cita a “Sensação de Estar Acabado” (“Síndrome de Burnout”, “Síndrome do Esgotamento Profissional”) como sinônimos do Burnout, que, dentro do CID-10, recebe o código Z73.0 (TRIGO; TENG; HALLAK, 2007).

Nesse sentido, são múltiplos os fatores que ocasionam segundo Esteve (1999) o mal-estar docente combinando fatores que conduzem os professores a um estado de ansiedade, e esgotamento afetando sua capacidade e sua personalidade. Nesse sentido os docentes se sentem obrigados a responder às novas exigências pedagógicas e também administrativas. Tudo isso, reflete a sensação de insegurança e desamparo, na medida em que, as condições de trabalho não são adequadas (OLIVEIRA, 2004).

4.6 Políticas Públicas Envolvendo Saúde e Escola

Sobre este conceito salientamos que as definições encontradas carecem de precisão. Desse modo, para (FERREIRA, 2011, p. 42): “não existe uma única nem melhor definição sobre o que seja política pública”. Dito isto, Mead(1995) a define dentro do contexto e do estudo da política analisando o governo quando se trata de grandes questões públicas. Já Lynn (1980), trabalha com o prisma de um apanhado de ações do governo, com o intuito de produzir efeitos específicos.

Para Peters (1986) política pública é toda ação governamental que influencia a vida dos cidadãos. Na mesma linha, Dye (1984) sintetiza a definição de política pública como aquilo que o governo opta ou não por fazer. Essas designações corroboram com Bachrach e Baratz (1962), que compreendem que o ato de não fazer nada, em relação a um problema também é uma forma de política pública. Nesse sentido, os conceitos expostos dialogam sobre as políticas públicas tangenciando-as políticas públicas no entrelaçamento de esferas governamentais agindo sobre uma parcela da sociedade.

Dito de outra maneira, as Políticas Públicas são a totalidade de ações, metas e planos que os governos (nacionais, estaduais ou municipais) traçam para alcançar o bem-estar da sociedade e o interesse público. É certo que as ações que os dirigentes públicos (os governantes ou os tomadores de decisões) selecionam (suas prioridades) são aquelas que eles entendem serem as demandas ou expectativas da sociedade. Ou seja, o bem-estar da sociedade é sempre definido pelo governo e não pela sociedade. Isso ocorre porque a sociedade não consegue se expressar de forma integral. Ela faz solicitações (pedidos ou demandas) para os seus representantes (deputados, senadores e vereadores) e esses mobilizam os membros do Poder Executivo, que também foram eleitos (tais como prefeitos, governadores e inclusive o próprio Presidente da República) para que atendam às demandas da população (LOPES, 2008, p. 05).

Nessa perspectiva, precisamos ter discernimento que em muitos momentos, as medidas adotadas enquanto políticas públicas têm muito mais efeito no sentido de marketing, do que de eficácia na vida dos indivíduos. Com isso, estamos dizendo que há sim uma interferência na vida de homens e mulheres mais devemos problematizar essa variante, porque não são raras as manobras adotadas, muitas vezes, de formas superficiais e/ou evasivas que

atendem paliativamente situações que deveriam ter atenção e prospecção em longo prazo.

Posto isto, embora saibamos que tanto na área da saúde quanto na área da educação iremos encontrar políticas públicas, muito pouco se consegue sobre a saúde do docente. Na esfera educacional temos discussões oriundas da Lei nº9.394/96 tratando sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Assim como, na Lei nº 11.738/2008, instituindo o piso nacional para os profissionais do magistério público da educação básica (conhecida como “Lei do Piso”). Essa última, por exemplo, trouxe algumas inovações no mundo jurídico que acabou repercutindo no cotidiano de professores e dirigentes da educação pública. Além disso, em ambas encontramos pequenas sugestões que remetem a questões que estariam voltadas a saúde dos docentes, ou seja, existem algumas preocupações com relação à carga horária destes, a fim de diminuir essa sobrecarga e, por conseguinte, prevenir o adoecimento.

Dessa forma, ainda que ocorra muito timidamente discussões quase que eventuais sobre a saúde e o bem-estar dos docentes, elas findam no próprio documento, haja vista, que há um grande distanciamento do documento para a prática. Fato este, que não difere de outras políticas públicas, que muito embora indiquem e realizem ponderações, não instrumentalizam os sujeitos. Parece que realmente a ideia central é que os discursos da qualidade de vida, da igualdade de oportunidades, da erradicação da pobreza, da educação para todos, entre outros tantos se detenham somente ao papel, pois, ainda há um grande abismo entre o discurso e a realidade vivida pela maioria da população.

5. A ESCOLA, OS ESTUDANTES E OS PROFESSORES

O presente trabalho foi realizado no município de Jaguarão, essa cidade está localizada no extremo Sul do Rio Grande do Sul. A cidade heroica para os cidadãos e para os mais próximos ou somente Jaguarão (Brasil) para os visitantes faz fronteira com Rio Branco (Uruguai). Sendo assim, podemos dizer que o elo que liga esta região fronteira é a Ponte Internacional Barão de Mauá.

A referida pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental General Antônio de Sampaio. A escola começou a ser construída aos vinte e quatro dias do mês maio de 1977 sob o governo (na época) de Claudionor B. Dode. Nesses quarenta e cinco anos a escola tem características bastante distintas da sua construção inicial, que comportava um chalé com apenas cinco cômodos divididos em: sala de direção, duas salas de aulas, banheiro e cozinha. Na época a escola tinha semelhanças de algumas escolas rurais municipais, visto que, era rodeada de campos. Entretanto, com o crescimento da região aumentou também o contingente populacional e a escola passou por adequações. O antigo chalé passou por duas reformas até a composição predial atual.

Dessa forma, pelo menos até o início de março de 2020 antes que o município parasse as aulas presenciais devido à pandemia, a escola General Antônio de Sampaio tinha a seguinte configuração, em se tratando da sua estrutura física: nove salas de aula, sala de recursos audiovisuais, sala destinada ao Serviço de Orientação Educacional (SOE), biblioteca, saleta que possui comunicação com a biblioteca. Essa nos anos que havia o Programa Mais Educação e, posteriormente o Programa Novo Mais Educação, normalmente era utilizada pela coordenação do Programa. A escola contava ainda com a secretaria em anexo a sala da direção, sala dos professores, sala de supervisão, sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), banheiro para os professores, banheiros dos estudantes (masculino e o feminino), cozinha com dispensa integrada, refeitório, saleta para organização de materiais dos profissionais da limpeza e o pátio (possui quadra, mas não é coberta).

Diante dessa conjuntura no ano posterior a escola atingiu a marca de 304 estudantes matriculados (2021), entre os pré-escolares que são ofertados nos dois turnos e o nono ano. Número este que sofreu alterações no ano de 2022, já

que a escola contou com um quantitativo de 318 estudantes matriculados e, por conseguinte para este ano de 2023 já temos uma previsão de uma média entorno de 315 estudantes devido ao movimento que ocorre por meio das pré-matrículas.

A escola General Antônio de Sampaio se encontra numa região periférica na localidade conhecida como Vila Branca, no Corredor das Tropas nº 1197. No seu entorno encontramos bairros e/ou vilas, tais como: Sagrada Família, Patacão, Prenda, Boa Esperança, Lucas, Carvalho, Vila Dias, entre outras imediações que também são bastante afastadas da região central do município. Tal localidade carece de espaços atraentes com áreas de lazer, cultura e sociabilidade para comunidade. Isto é, tirando a pracinha do bairro Boa Esperança ela se resume aos campos envolta da escola onde a gurizada se reúne para jogar futebol. Por outro lado, no sentido de investimento educacional a chegada do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul) para as imediações da escola deu uma valorizada na localidade até mesmo sobre os valores habitacionais, bem como, criou nos moradores uma expectativa de crescimento e novos atrativos para o bairro.

O pesquisador é um observador assíduo da escola, pois, tem sua vida funcional na instituição. Posto isso, é evidente que o mesmo carrega alguns olhares sobre o ambiente e a comunidade. Dessa maneira, para ele, muitos estudantes têm suas vidas ligadas diretamente aos arredores da escola, muitos conheceram o centro da cidade (teatro, câmara de vereadores, biblioteca, etc.), através da escola e de atividades que a mesma proporcionou. Alguns ainda não conhecem, portanto, a noção de pertencimento desses sujeitos, muitas vezes, não se configura na cidade, mas no seu bairro e na sua escola. Isso quando eles conseguem estabelecer relações e significações com as suas vivências, com o apego, com o zelo com lado material e com a imaterialidade quando o ambiente proporciona para esses indivíduos.

Muitos estudantes da escola Sampaio são residentes dos bairros acima citados. Da mesma forma, um expressivo quantitativo de educandos se enquadra como baixa renda⁴ e, conseqüentemente, são beneficiários do programa Bolsa Família. Nesse sentido, grande parte das famílias não possui

⁴ Essa informação dos alunos que são baixa renda chega até a escola por meio do entrelaçamento de informações constantes entre o Cadastro Único do Governo Federal e a escola.

renda fixa e vivem como boa parte dos brasileiros, do popular “bico⁵” na nossa região, em outras poderia ser denominado como “trampo ou mascate⁶”. Com isso, estamos dizendo que, muitos pais e/ou mães trabalham em qualquer serviço que lhes for disponibilizado para garantir o sustento diário de suas famílias.

Da mesma maneira, muitos estudantes tentam conciliar as suas atividades escolares com empregos esporádicos, no intuito de colaborar no aumento da renda familiar. Em alguns casos, estas situações acabam mais tarde se concretizando como evasão escolar, todavia, não podemos dizer que é alto o índice de evasão na escola General Antônio de Sampaio, pelo contrário, o número de alunos que evadem é relativamente baixo conforme o relato da equipe diretiva sobre a Ficha de Comunicação de Aluno Infrequente (FICAI).

Ainda nessa perspectiva, não são raros os casos em que a refeição principal dos estudantes se efetiva com a merenda escolar. Do mesmo modo, nos deparamos em inúmeros momentos com estudantes vestindo roupas impróprias para a estação, como por exemplo, chinelo e agasalho insuficiente em meio a temperaturas rigorosas. Nessa lógica, a escola angaria doações entre os próprios servidores, bem como em campanhas de arrecadações para distribuição a comunidade. Ela também tem por costume a realização de brechó com preços simbólicos (R\$ 1,00, R\$ 2,00 e R\$ 5,00), no intuito de minimizar essa situação. No período da pandemia ações como o brechó acabaram se tornando inviáveis pelo risco a saúde de todos, porém, a escola soube se reinventar, ou seja, no ano de 2021 em comemoração à data de aniversário da escola foi organizado para os estudantes uma feijoada (anexo 1) nos moldes de *Drive Thru*.

Cabe salientar que no meio do ano de 2022 os eventos passaram a ser liberados sem grandes restrições no município de Jaguarão, logo, a escola retornou com os brechós, quermesses e outras atividades que não estavam liberadas no período pandêmico e que eram bastante aguardadas pela comunidade.

Diferentemente dos educandos que grande parte deles pertence a comunidade que circunda a escola, os professores, em sua grande maioria não

⁵ É uma expressão popular que se refere a um trabalho extra, uma forma de renda informal e alternativa.

⁶ São expressões populares para se referir a trabalho.

são residentes desses bairros, logo, tais eventos também são uma oportunidade de troca para esses sujeitos, pois muitos docentes acabam ficando pouco tempo na escola, seja por não se identificarem e/ou adaptarem com a localidade, seja por questões financeiras que envolvem gastos com locomoção própria ou com ônibus circular do município, entre outros fatores que podem ser compreendidos como contratempos e/ou estimuladores para os professores procurarem escolas mais próximas de suas residências.

Com relação a esses professores afirmamos que todos têm em suas formações graduação, embora alguns tenham entrado no concurso tendo somente o magistério. Boa parte dos docentes possui especialização, alguns já têm mestrado e tem uma professora com doutorado em educação. Ressaltamos que nem sempre eles praticam a docência na área de qualificação, pois existem vários casos de desvios de função, seja por vontade própria ou a cargo da mantenedora. Vale enfatizar que isso, não é exclusividade desta escola é algo que ocorre já há alguns anos e segue sendo reproduzido. Existem áreas de conhecimento com excesso de profissionais formados. Tem ainda profissionais que aguardam nomeação em concurso público e a vaga está ocupada por desdobramentos e/ou desvios de função. Dessa forma, a gestora (SMED)⁷ acaba se apegando apenas em questões jurídicas e não pedagógicas para determinar que a escola se organize com o quadro funcional que dispõe.

Falando em questões pedagógicas ao adentrarmos no tocante as avaliações escolares muitas são as discussões e incertezas que vieram com a pandemia e permanecem nesse período pós-pandêmico, entre elas: o debate sobre as lacunas daquele período e como recuperá-las é uma constante nas reuniões escolares, já que alguns compreendem que a avaliação deve ter mais haver com saúde mental do que com aprendizagem. Assim esse embate sobre o que e como avaliar segue sendo pauta de reuniões.

Nessa lógica, conforme o relato de alguns professores tais incertezas têm deixado os professores com o sentimento de impotência frente aos acontecimentos que necessitam de tomadas de decisões. A sensação é que eles precisam da decisão final da direção como espécie de respaldo, mesmo que quem ministre e acompanhe cotidianamente os estudantes sejam eles. Muitos

⁷Secretaria Municipal de Educação e Desporto

se sentem inseguros e tem medo de prejudicarem, ainda que involuntariamente os estudantes. Toda essa insegurança além de frustrar e vetar a autonomia destes profissionais também pode ser observada diante das falas e angústias dos mesmos.

Nesse sentido, pensamos que os professores precisam voltar a se perceber enquanto agente ativos que são, dentro do âmbito escolar e fora dele também. Esse reconhecimento é um movimento de pró-atividade que tende a recuperar a autoestima, a confiança e a criticidade. E embora tenha cunho pessoal, ele também deve ser estimulado e valorizado pela gestão escolar.

6. PESQUISA DIAGNÓSTICA NA ESCOLA

Conforme mencionamos a escola não é um ambiente estranho para o pesquisador, entretanto, pensando em ampliar o olhar e desprender-se de visões prévias. Foi realizada uma pesquisa documental na escola, a partir de várias visitas e horas de análises em efetividades⁸, atas, atestados e laudos. Dentre esses documentos, o arquivo pessoal de cada professor foi fundamental para levantar os dados necessários para que pudéssemos fazer um diagnóstico a respeito dos afastamentos de docentes por problemas de adoecimento de caráter físico ou psicológico.

Podemos notar analisando a tabela 4 localizada abaixo que entre os anos de 2016 e 2019 tiveram muitos afastamentos de docentes com atestados ou laudos médicos. Observamos também que em 2020 e 2021 não constam atestados nem laudos, contudo, nesse período os professores estavam trabalhando de casa por causa da pandemia da COVID-19. Notamos ainda, que o quadro funcional passou por grandes mudanças por meio da incorporação de professores recém-chegados, assim como a saída de outros que deixaram a instituição.

| Professor | Ingresso na escola | Área de formação | Área de atuação | Atestados 2016 | Atestados 2017 | Atestados 2018 | Atestados 2019 | Atestados 2020/2021 |
|-----------|--------------------|------------------|-----------------|----------------------------|-------------------------------------|---------------------------|-------------------|---------------------|
| 1 | 1990 | Pedagogia | Diversas | 3dias 7dias | 3 dias 3 dias | 4 dias 6 dias | X | X |
| 2 | 2000 | Pedagogia | Diversas | 3 dias 7 dias | 5 dias 3 dias 1 dia | 3 dias 3 dias | 30 dias | |
| 3 | 1985 | Pedagogia | Diversas | 3 dias 3 dias 7 dias | 3 dias 1 dia 3 dias 4 dias | X | X | X |
| 4 | 1998 | Pedagogia | Séries iniciais | — | 1 dia 3 dias | 3 dias | 2 dias 14 dias | — |
| 5 | 2009 | Pedagogia | Séries iniciais | 7 dias 10 dias | 3 dias 3 dias 1 dia 1dia | 1 dia 3 dias 3 dias | 5 dias 3 dias | — |

⁸As efetividades são documentos enviados para secretaria de administração, para que seja feito os pagamentos dos servidores.

⁹Sobre essa tabela adotamos o número de atestados que cada professor colocou, ou seja, se num mesmo ano aparecer na tabela 2 e 1. Significa que o professor fez uma inserção de dois dias e, posteriormente, outra de 1 dia. Além disso, o "X" quer dizer que no respectivo ano o professor já não estava na referida escola e o traço significa não colocou atestado naquele ano.

| | | | | | | | | |
|----|------|------------------------|-----------------|---------------------------------------|---------------------------|--------------------------------------|--|---|
| 6 | 2012 | Ed física | Ed física | 14 dias 3 dias 3 dias 3 dias | 5 dias 3 dias 1 dia | 2 dias 1 dia 5 dias | X | X |
| 7 | 1994 | Estudos Sociais | História | Laudo 120 dias | Laudo 240 dias | 2 dias 5 dias 10 dias 1 dia | 3 dias 2 dias 5 dias 1 dia | — |
| 8 | 1998 | Magistério | Diversas | 7 dias | 1 dia 3 dias | 10 dias 3 dias | 7 dias 7 dias | — |
| 9 | 2000 | Pedagogia | Séries iniciais | 1 dia 7 dias 7 dias 1 dia | 3 dias 1 dia | 3 dias 1 dia 1 dia | 5 dias 2 dias 3 dias | — |
| 10 | 1998 | Pedagogia | Diversas | 1 dia | 1 dia 1 dia 3 dias | 15 dias 15 dias | 12 dias 3 dias | X |
| 11 | 2017 | Letras | Português | X | — | — | — | — |
| 12 | 2011 | Pedagogia | Matemática | 2 dias | — | 2 dias | 1/3 | — |
| 13 | 2019 | Pedagogia | Diversas | X | X | X | — | — |
| 14 | 2012 | Pedagogia | Séries iniciais | 5 dias | 3 dias 3 dias | 17 dias | 4 dias 1 dia | — |
| 15 | 2017 | Pedagogia | Ed infantil | — | — | — | — | — |
| 16 | 2013 | Pedagogia | Séries iniciais | 1 dia 3 dias | 3 dias 5 dias | 2 dias | 7 dias 4 dias | — |
| 17 | 1992 | Pedagogia | Séries iniciais | 4 dias | 7 dias | 2 dias 3 dias 4 dias | X | X |
| 18 | 2016 | Ed física | diversas | — | — | 12 dias 1 dia | 14 dias 14 dias 14 dias 1 dia | X |
| 19 | 2019 | Pedagogia | Séries iniciais | X | X | X | — | — |
| 20 | 2006 | Geografia/ ciências | diversas | — | 3 dias 1 dia | Laudo 120 dias | 5 dias 10 dias 60 dias 3 dias 60 dias 60 dias | X |
| 21 | 1998 | Letras | Português | 6 dias 3 dias 1 dia | 3 dias 5 dias | 7 dias 3 dias | 3 dias 6 dias 1 dia | — |
| 22 | 2013 | Pedagogia | Diversas | — | — | 3 dias | — | — |
| 23 | 1992 | Pedagogia | Diversas | — | — | 3 dias | 3 dias | — |
| 24 | 2011 | Pedagogia | Diversas | — | 3 dias | — | 3 dias 30 dias | — |
| 25 | 2019 | Pedagogia | Séries iniciais | X | X | X | — | — |
| 26 | 2019 | Pedagogia | Supervisão | X | X | X | — | X |
| 27 | 2019 | Pedagogia | Supervisão | X | X | X | — | — |
| 28 | 2015 | Letras | Diversas | 2 dias | 3 dias 3 dias 1 dia | 1 dia 5 dias 5 dias 3 dias | X | X |
| 29 | 2016 | Educação Artística | Diversas | 5 dias 2 dias | X | X | — | — |

| | | | | | | | | |
|--|------|--------------------|--------------------|-----------------------------|------------------|----------------------------|-------------------------------------|---|
| 30 | 1998 | Estudos sociais | Diversas | 2 dias | 3 dias 5 dias | 1 dia 2 dias 1 dia | 30 dias | — |
| 31 | 2000 | Matemática | Matemática | 2 dias 5 dias 14 dias | X | X | X | X |
| 32 | 2016 | Letras | Séries iniciais | 14 dias 3 dias 3 dias | X | X | X | X |
| 33 | 2018 | Ed Física | Ed Física | X | X | 2 dias 3 dias | 7 dias 10 dias 3 dias | X |
| 34 | 2018 | Letras | Português | X | X | 3 dias 5 dias 5 dias | 5 dias 3 dias 1 dia 6 dias | X |
| 35 | 2009 | Pedagogia | Diversas | — | 1 dia 3 dias | 15 dias 14 dias | — | — |
| 36 | 2018 | Educação Artística | Educação Artística | X | X | X | 1 dia | — |
| 37 | 2018 | Ed Física | Ed Física | X | X | — | — | X |
| Fonte: material elaborado pelo pesquisador | | | | | | | | |

Outro aspecto que constatamos na tabela 4 versa sobre a compreensão, de que dos 37 professores apresentados foram poucos os que passaram um ano todo sem colocar atestado. Notamos também que há muitos professores trabalhando fora de sua área de formação. Essa evidencia talvez possa se configurar como um facilitador para o adoecimento. Além disso, observamos uma relação entre o adoecimento e o tempo de trabalho, assim, pode-se notar que por estarem muitos anos nessa profissão acabam tendo um desgaste maior, visto que, professores com mais tempo de serviço apresentaram maior número de atestados nos anos analisados.

Dito isso, em se tratando sobre a classificação entre o número de atestados e os anos correspondentes, realizamos a ilustração representativa no gráfico 5, exposto abaixo. Atentamos ainda, que nessa demonstração os anos de 2020 e 2021 não constam no gráfico, pois, conforme já havíamos mencionado nesses anos não há atestados, uma vez que o ensino presencial foi interrompido por causa da pandemia, logo, os docentes ficaram com a incumbência do preparo e da realização das atividades de forma remota.

Nessa perspectiva, por não conseguirmos registros escritos neste período adotamos como estratégia a coleta de informações aproveitando o momento de volta à escola (modelo híbrido). Posto isto, realizamos com 10 professores uma roda de diálogos, com a finalidade de compreender como foi o ensino na

pandemia para esses professores. Durante essas conversas nos valem de anotações no diário de campo.

Sendo assim, utilizamos questões orientadoras aos professores, entre elas: os indagamos o quanto estavam ou não preparados para lidar com as tecnologias (celular, computador, internet, impressora, outros) no ensino remoto e como lidaram com a situação. Também questionamos se precisaram investir recursos para as aulas, assim como se tinham um local apropriado para realizar suas atividades e dar as aulas online (escritório, sala individual ou se compartilhavam o cômodo com outros membros da casa). Perguntamos ainda, como os docentes avaliavam sua saúde durante este período, se foram acometidos por doença e como procederam, visto que, não há registros de atestado entre os anos de 2020 a 2021.

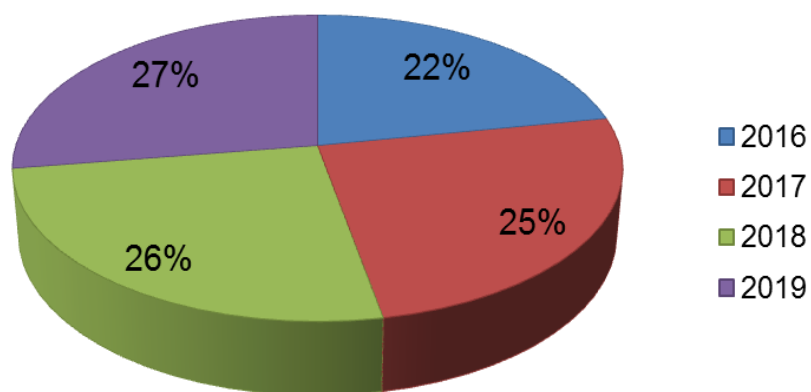
A partir destes registros orais realizados com 10 professores constatamos que apenas 02 não tiveram nenhum tipo de adoecimento, os outros 08 passaram por algum mal-estar relacionado ao ensino remoto durante a pandemia. Dentre os apontamentos dos professores foram elencadas crises de ansiedade, estresse causado pelo distanciamento e/ou pelo excesso de trabalho, síndrome do pânico, relato de passar uma ou duas semanas sem sair de casa devido as notícias vinculadas as mortes pela COVID-19. Além disso, tiveram apontamentos de dores musculares, de dor de cabeça relacionada a horas excessivas na frente de celular e computadores planejando e executando aulas online.

Em se tratando da ausência de atestado houveram docentes que evidenciaram que como estavam em casa tentavam planejar suas tarefas incorporando alguns períodos de descanso, para se recuperar de suas dores e realizarem suas atividades. Diante dessa conjuntura não foram apresentados atestados, pois, para alguns deles seria mais trabalhoso ter que ir a um médico, ir à escola, além de ir à secretaria de administração para poder apresentar o atestado, portanto, a alternativa restante para uns educadores passava pela automedicação e pela tentativa de descansar nas horas que lhe restavam durante o dia.

Já nas questões de investimento para se adequar ao trabalho, 02 profissionais não tiveram gastos em equipamentos tecnológicos. Da mesma forma, estes tinham em suas residências cômodos que possibilitavam a

realização de atividades sem maiores contratemplos. Eles também não tiveram nenhum tipo de adoecimento. Por outro lado, os outros 08 tiveram que de alguma forma adaptar suas moradias a fim de conseguirem um espaço apropriado para a realização do trabalho docente na pandemia, seja utilizando o quarto de um filho que não mora mais na residência. Seja usando uma sala que a família não utiliza muito, entre outras formas.

Gráfico 5 - Atestados dos docentes entre os anos 2016-2019



Fonte: material elaborado pelo pesquisador, a partir de documentos arquivados na escola.

Ao refletirmos sobre essa classificação podemos notar que há uma elevação crescente no afastamento por adoecimento, ou seja, a cada ano que passa a comunidade docente sofre com velhas e/ou novas doenças. Somado a isso, existe um descontentamento geral em relação à sobrecarga de trabalho, bem como, com a desvalorização profissional, haja vista, que nos deparamos em inúmeros momentos com profissionais frustrados e esgotados. Tais descasos no sistema educativo podem ser agravantes no que tangencia o adoecimento dessa classe profissional.

Nessa perspectiva, quando realizamos o levantamento nos atestados e laudos médicos utilizamos apenas, os que dizem respeito à saúde docente. Seja

por tipos de lesões (musculares, ósseas e outras) causadas muitas vezes, por movimentos repetitivos como, por exemplo, o fato de escrever no quadro. Além de questões relacionadas à coluna, a lombar e a problemas de cunho psicológico causado pelo mal-estar que pode ser visto de diversas formas, desde um ambiente com problemas estruturais e também, às vezes de relacionamentos profissionais dificultosos distanciando a permanência dos sujeitos naquele espaço.

Com isso, estamos dizendo que um ambiente agradável, deve passar por uma manutenção adequada (sempre que necessária) e, não somente no início do ano letivo. Coisa boa quando temos vontade de estar em um local, quando nos sentimos bem, porém, para que isso aconteça depende, também do trabalho eficaz da gestão, para que possamos ter paredes pintadas, pasto ou gramas aparados, mobiliário adequado todos esses elementos ajudam na saúde mental dos docentes. É evidente que um ambiente alegre contagia os indivíduos. E daí, podemos estender esse olhar também para os educandos. Embora saibamos que existem casos de danos ao patrimônio, mostrar as coisas nos seus devidos lugares, arrumadas prontas para recebê-los é uma contrapartida para cobrar que cuidem e mantenham o ambiente salutar.

Essas constatações demonstram a importância da gestão do município (SMED) e a escola serem democrática em todos os momentos. Chamando os indivíduos que a compõem para colaborar coletivamente e, assim, tentar atenuar o afastamento através de atestados e laudos, na medida em que estarão se sentido ouvido, valorizados, sendo para a comunidade, por meio de suas contribuições para tornar o ambiente escolar um local salutar.

| Tabela 5 - Especificações dos adoecimentos | | | | | |
|--|--|--|--------------------------------|--------------------------|-------------------|
| Professor | Doenças 2016 | Doenças 2017 | Doenças 2018 | Doenças 2019 | Doenças 2020/2021 |
| 1 | Gripe, Sem especificação | Gripe, Gripe | Dor nas costas Dor muscular | X | X |
| 2 | Sem especificação Sem especificação | Gripe, Dor de ouvido Sem especificação | Estresse Estresse | Dor relacionada a coluna | |
| 3 | Estresse Gripe Sem especificação | Estresse | X | X | X |

| | | | | | |
|----|---|--|--|---|-------|
| 4 | _____ | Cistite Estresse | gripe | Sem especificação Gripe | _____ |
| 5 | Sem especificação gripe gripe dor de ouvido | Sem especificação gripe gripe cistite | Estresse Estresse Dor nas costas Problemas emocionais | Gripe Sem especificação | _____ |
| 6 | Problemas emocionais Gripe Dor nas costas Problemas emocionais | Problemas emocionais Estresse Estresse | Gripe Sem especificação Sem especificação | X | X |
| 7 | Dor relacionada a coluna | Dor relacionada a coluna | Estresse Estresse Dor relacionada a coluna Dor relacionada a coluna | Estresse Sem especificação Dor relacionada a coluna Dor relacionada a coluna | _____ |
| 8 | Sem especificação | Sem especificação Dor nas costas | Gripe Sem especificação | Estresse gripe | _____ |
| 9 | Sem especificação Sem especificação Dor nas costas estresse | Gripe Dor musculares | Gripe Dor musculares Sem especificação | Sem especificação Estresse Estresse | _____ |
| 10 | Dor muscular | Gripe Estresse Dor muscular | Sem especificação Estresse | Dor muscular Gripe | X |
| 11 | X | _____ | _____ | _____ | _____ |
| 12 | gripe | _____ | conjuntivite | Problemas emocionais | _____ |
| 13 | X | X | X | _____ | _____ |
| 14 | gripe | Sem especificação Estresse | Dor relacionadas a coluna | Dor nas costas gripe | _____ |
| 15 | _____ | _____ | _____ | _____ | _____ |
| 16 | Estresse Sem especificação | Sem especificação gripe | Estresse Dor muscular Cistite | Estresse Dor muscular | _____ |
| 17 | gripe | Dor muscular | Estresse Dor muscular conjuntivite | X | X |
| 18 | _____ | _____ | Gripe Sem especificação | Sem especificação Sem especificação Dor nas costas estresse | X |
| 19 | X | X | X | _____ | _____ |

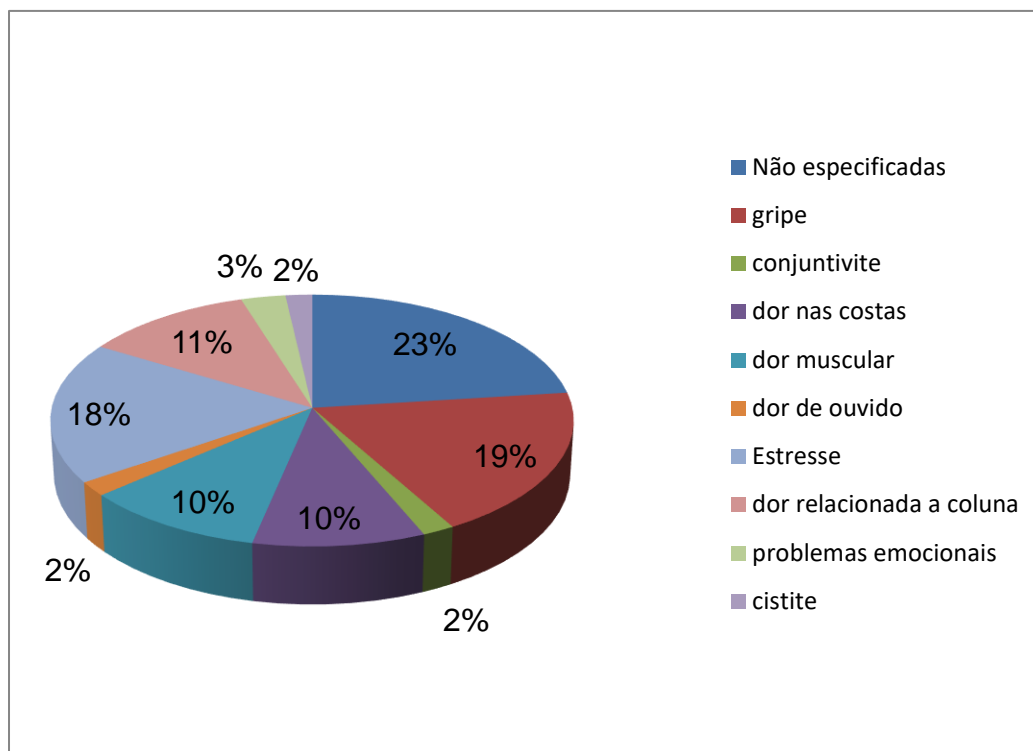
| | | | | | |
|----|---|--|---|---|---|
| 20 | — | Sem especificação Sem especificação | problemas relacionados a coluna | 6 x por problemas relacionados a coluna | X |
| 21 | Sem especificação Dor nas costas estresse | Dor muscular dor muscular | Estresse Estresse | Dor nas costas estresse estresse | — |
| 22 | — | — | conjuntivite | — | — |
| 23 | — | — | Dor muscular | Dor nas costas | — |
| 24 | — | Sem especificação | — | Dor nas costas dor relacionada a coluna | — |
| 25 | X | X | X | — | — |
| 26 | X | X | X | — | X |
| 27 | X | X | X | — | — |
| 28 | Sem especificação | Sem especificação Gripe dor muscular | Sem especificação Dor nas costas dor nas costas dor nas costas | X | X |
| 29 | Estresse estresse | X | X | — | — |
| 30 | Sem especificação | Estresse dor muscular | Sem especificação estresse estresse | Dor relacionado a coluna | — |
| 31 | Gripe Dor de ouvido estresse | X | X | X | X |
| 32 | Estresse Dor nas costas dor nas costas | X | X | X | X |
| 33 | X | X | Dor muscular Gripe estresse | Estresse Estresse Estresse | X |
| 34 | X | X | Sem especificação Gripe Gripe | Estresse Estresse Dor muscular Sem especificação | X |
| 35 | — | Gripe Sem especificação | Dor relacionado a coluna Dor relacionado a coluna | — | — |
| 36 | X | X | X | Sem especificação | — |
| 37 | X | X | — | — | X |

Fonte: material elaborado pelo pesquisador, através de documentos arquivados na escola.

A partir da tabela 5 localizada acima podemos ver alguns adoecimentos que causaram o afastamento de docentes da escola para repouso ou tratamento,

são eles: gripe (vários sintomas gripais), dor nas costas, dor muscular, dor de ouvido, estresse, dor relacionada a coluna, cistite, problemas emocionais e conjuntivite, além de ter vários afastamentos que não constam no atestado o motivo, assim utilizei o termo sem especificação para classificá-los.

Gráfico 6 - Descrição sobre os adoecimentos



Fonte: material elaborado pelo pesquisador, através de documentos arquivados na escola.

O gráfico 6 mostra que os afastamentos são por motivos diversos desde adoecimentos causados por problemas físicos e até mesmo por problemas de âmbito emocional, gerados por um ambiente não apropriado para que o docente exerça suas funções de forma saudável, como salas mal pintadas mobiliárias danificadas e sem o mínimo conforto, falta de produtos e utensílios que poderiam auxiliar na qualidade de vida do professor, e claro não poderia deixar de falar nas exaustivas cargas horárias de trabalho.

7. CAMINHO METODOLÓGICO

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos deste trabalho tais como: seus instrumentos e processos para a construção desta pesquisa. Para esse estudo nos valem da pesquisa qualitativa, que segundo Gerhardt e Silveira (2009) não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização. Isto é, a pesquisa qualitativa centra-se não na quantificação, mas na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

Para o desenvolvimento deste trabalho optamos por nos baseamos no modelo da pesquisa-ação por acreditarmos que ela:

Assume uma postura diferenciada diante do conhecimento, uma vez que busca, ao mesmo tempo, conhecer e intervir na realidade que pesquisa. Essa imbricação entre pesquisa e ação faz com que o pesquisador, inevitavelmente, faça parte do universo pesquisado, o que, de alguma forma, anula a possibilidade de uma postura de neutralidade e de controle das circunstâncias de pesquisa (FRANCO, 2005, p. 490)

Seguindo esta concepção a pesquisa-ação coloca o pesquisador como parte da pesquisa e não como um membro a parte, pois, o pesquisador precisa fazer parte do universo pesquisado, assim de alguma forma o pesquisador precisa conhecer e intervir na realidade da pesquisa.

Dessa maneira, esta pesquisa oportunizou através da pesquisa-ação uma série de reflexões coletivas com os participantes a fim de criarmos elementos que possam localizar alguns dos causadores desse mal-estar docente, bem como, buscar estratégias que possam interferir nesse processo, sejam transformando o ambiente físico, como as ações sugeridas junto à direção da escola ou até mesmo buscando a interferência do poder público com o auxílio e amparo de políticas educacionais.

Consideramos nesse sentido, que as políticas educacionais fazem parte do rol de políticas que precisam ser debatidas e problematizadas com os sujeitos e, não ser somente um indicador que propõe, mas não instrumentaliza o sistema educativo destoando da realidade vivida.

Essas políticas, sejam de modo implícito ou explícito, figuram em caráter oficiais circulando através de documentos, repercutindo nas

ações da rede de ensino brasileira (...) podemos encontra-las em programas, projetos, diretrizes, planos, que se constituem em normas para referenciar e, frequentemente, dirigir políticas das secretarias de educação, órgãos intermediários e subsecretarias, até chegar às escolas, professores, pais (SILVA, 2014, p. 50).

Dessa forma, recorrendo a legislação e as regulamentações os sujeitos atuantes nas escolas fazem contato diretamente com as políticas educacionais, entretanto, em inúmeros casos elas ficam somente no papel e acabam não sendo efetivadas. Nesse sentido, Silva (2014) atenta para o fato de que são essas políticas educacionais que tornam possível a implantação de mudanças, principalmente durante as práticas cotidianas.

Sendo assim é por meio desse movimento rotineiro que as políticas públicas repercutem na sociedade (normatizando), porém, nem sempre asseverando os direitos que resguardam os indivíduos. Nessa perspectiva, ainda há uma distância muito grande naquilo que é teórico e no que tangencia a prática, em se tratando das políticas públicas. Por esse viés, podemos compreender as políticas públicas como

(...) tudo o que um governo faz e deixa de fazer, com todos os impactos de suas ações e de suas omissões (AZEVEDO, 2003, p. 38).

Desse modo, o conceito de Azevedo é bastante claro não existe “meia política”, ou seja, sua efetivação depende da boa vontade governamental. Esse é um grande problema, pois, o que mais temos acompanhado é um governo corta gastos nas áreas mais necessitadas como: saúde, educação, alimentação e moradia. Diante dessa constatação, é evidente que estamos desamparados. Da mesma forma, ao realizarmos uma analogia do conceito de Azevedo (2003) sobre política pública com o conceito de política educacional, podemos dizer que seria o fazer ou deixar de fazer na educação e, aí voltaríamos para o início, quando apontamos total descaso governamental.

Nessa lógica, o fazer educativo em sua plenitude deve integrar os sujeitos que estão na escola, seu entorno, a sociedade civil e o Estado (políticas públicas), na expectativa que ambiente escolar se consolide, enquanto um espaço que assegure os direitos, a qualidade e a eficácia no ensino-aprendizagem.

7.1 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos convidados para fazer parte dessa pesquisa-ação foram os professores, supervisão e orientação da Escola Municipal de Ensino Fundamental General Antônio de Sampaio, por compreendermos que essa temática integra esses profissionais não só como colaboradores para o estudo, mas também acreditamos que possa contribuir significativamente para o reconhecimento desses profissionais e, conseqüentemente, agregue qualidade de vida a esses sujeitos, visto que, esses se sentem desvalorizados e/ou desmotivados profissionalmente.

Ainda sobre este público, num primeiro momento, tínhamos a ideia de convidar a direção¹⁰, por compreendermos que o envolvimento dos gestores juntamente com os docentes colaboraria com a pesquisa, no sentido propiciar a perspectiva da gestão sobre o adoecimento. Nessa perspectiva Carlotto (2012), enfatiza que o tema sobre a saúde do professor deve ter uma crescente relevância por parte de gestores e governantes. Todavia ao refletirmos sobre esta possibilidade pensamos que o fato da diretora integrar o estudo poderia intimidar os participantes, uma vez que o pesquisador talvez já causaria esta estranheza no grupo devido ao cargo ocupado na escola, logo, deixamos para que olhar reflexivo da equipe diretiva venha aflorar, a partir das sugestões¹¹ elencadas pelos participantes deste estudo.

Assim sendo, os servidores que aderiram a pesquisa foram sete (07) participantes, incluindo professores e orientação escolar. Dessa forma, para preservarmos a identidade destes profissionais, a partir deste instante iremos referenciá-los como Participante 1, Participante 2 e, assim, sucessivamente.

Dessa forma, a pesquisa pretende compreender quais os principais propulsores para o adoecimento docente, para propormos melhorias no âmbito educativo para esses indivíduos. Fato esse que deve refletir na vida particular e social desse grupo.

¹⁰Entenda direção como o cargo da diretora escolar, pois, a vice-direção é o cargo ocupado no momento, pelo próprio pesquisador. Muito embora neste estudo, o mesmo, tenha feito um esforço para se afastar do cargo que ocupa se vinculando fortemente a figura do pesquisador.

¹¹ Tais sugestões poderão ser apreciadas neste trabalho na parte destinada aos apêndices.

Na tabela 6 trazemos uma rápida apresentação dos participantes. Ressaltamos então, que preferimos suprimir a formação destes, pois, correríamos o risco de identificar ao menos dois integrantes do estudo, principalmente, por estarmos trabalhando em uma escola, que tem um contingente populacional (citadino) demasiadamente pequeno, onde a maioria das pessoas se conhece. Dito isto, por uma decisão pessoal não serão mencionadas tais formações.

| Tabela 6 – Panorama de representação dos Participantes | | | |
|--|-------------|---------------------|-----------------------------------|
| Participantes | Sexo | Faixa etária | Tempo de atuação na escola |
| Participante 1 | masculino | 30-40 anos | 1 ano |
| Participante 2 | feminino | 20-30 anos | 3 anos |
| Participante 3 | feminino | 50-60 anos | 13 anos |
| Participante 4 | feminino | 50-60 anos | 3 anos |
| Participante 5 | feminino | 40-50 anos | 6 anos |
| Participante 6 | feminino | 40-50 anos | 25 anos |
| Participante 7 | feminino | 50-60 anos | 1 ano |
| Fonte: material elaborado pelo pesquisador | | | |

A partir da exposição realizada acima, podemos perceber que existem profissionais que estão a pouco tempo no corpo docente da escola, outros por sua vez possuem um maior tempo na instituição e uma identificação com a escola General Antônio de Sampaio de longa data. Ainda com relação a estes profissionais, parte deles têm uma longa caminhada trilhada na docência em outras escolas seja rede estadual, municipal ou particular de ensino.

Nessa lógica, três participantes têm carga horária de 40 horas mediante concurso público. Outros três têm 20 horas de regência e tiveram outras 20 horas

mediante desdobramento¹² no ano de 2022 e 1 possui regência de 20 horas. Podemos pensar que se estes profissionais tivessem uma valorização profissional condizente com a realidade que vivemos, talvez não fosse necessário complementar a renda. Uma vez que temos ciência que a prática docente é exaustiva e quanto mais horas maior é o cansaço destes profissionais.

Desse modo para Damásio; Melo (2013) a docência está entre as profissões que representam maiores desgastes emocionais na atualidade. Corroboramos com essa afirmação quando ouvimos os relatos dos participantes sobre a carga horária de trabalho, visto que, são inúmeros os motivos elencados entre eles, podemos citar: o tempo que dedicam para estudar e elaborar os materiais de trabalho, muitas vezes distintos, pois os professores trabalham com turmas e escolas variadas. Além disso, também foi evidenciado pelos participantes, algumas dificuldades em conciliar questões pedagógicas e diretivas que devem ser divididas com os momentos de lazer e descanso.

Por esse ângulo, acreditamos que se o poder público incentivasse de fato à docência, os impactos sofridos na vida profissional, social e pessoal dos docentes seriam atenuados. Dito isto, percebemos que nossos encontros serviram em partes como uma espécie de refúgio, para que esses profissionais pudessem expor todas as suas dores e mais importante que isso era a certeza de que eles estavam sendo ouvidos, que eles tinham o seu lugar de fala e que naquele espaço eles poderiam projetar expectativas para o futuro.

7.2 Metodologia da Pesquisa

Com relação a natureza desta pesquisa afirmamos que ela tem cunho qualitativo, portanto, para Creswel (2007) o uso da pesquisa qualitativa é relevante quando estudamos um grupo, para identificar variáveis para serem medidas, assim como para escutar vozes silenciadas. Sendo assim, a realidade estudada na pesquisa qualitativa “(...) não é uma realidade determinada, mas é construída por diferentes ‘atores’” (FLICK, 2004, p. 43).

¹² Os participantes que possuíam 20 horas desdobramento no ano de 2022, não tem garantias de seguir com esse regime suplementar nesse ano de 2023, logo, os mesmos precisam estar preparados financeiramente para trabalhar diante desta realidade.

Dessa maneira, a pesquisa qualitativa permite a compreensão dos acontecimentos por meio da perspectiva daqueles indivíduos que estão envolvidos no processo, por isso, acreditamos que a observação direta nos permite uma excelente aproximação com os participantes do estudo.

Cabe lembrar que a abordagem qualitativa na pesquisa diagnóstica foi realizada através da análise documental em atas, atestados, nas pastas de cada docente e nas efetividades, com o intuito de entender e verificar eventuais lacunas sobre os sujeitos. Nesse sentido, “a escolha dos documentos não é aleatória. Há geralmente alguns propósitos, ideias ou hipóteses guiando a sua seleção” (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 40). Além disso, esse instrumento nos possibilitou pensar a respeito dos encontros antecipadamente.

Durante toda a pesquisa respaldamos este trabalho por meio de fichamentos, orientações e consultas bibliográficas. Todos estes procedimentos somaram incorporando nosso estudo. Para além disso, conforme já foi mencionado a finalidade deste trabalho é a pesquisa-ação, ou seja,

(...) é uma forma de investigação auto reflexiva, realizada por participantes em situações sociais para fomentar a racionalidade e justiça de suas próprias práticas, seu entendimento dessas práticas e as situações nas quais as práticas acontecem (CARR E KEMMIS 1986, p. 162).

Ainda nessa lógica podemos dizer que para Fonseca (2002) a pesquisa-ação:

Pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa. O objeto da pesquisa-ação é uma situação social situada em conjunto e não um conjunto de variáveis isoladas que se poderiam analisar independentemente do resto. Os dados recolhidos no decurso do trabalho não têm valor significativo em si, interessando enquanto elementos de um processo de mudança social. O investigador abandona o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito a sujeito com os outros parceiros. O pesquisador quando participa na ação traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram. A reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento do pesquisador (FONSECA, 2002, p. 35)

Posto isso, entendemos que a pesquisa-ação está de acordo com objetivos elencados neste estudo. Dentre eles, retomamos o principal que era compreender quais os fatores que desencadeiam o adoecimento ou o mal-estar docente.

Desse modo, a ação realizada com os sete (07) participantes se concretizou, através de quatro (04) encontros presenciais ocorridos na Escola General Antônio de Sampaio fora do horário de expediente. Tais encontros foram pensados num formato de rodas de conversas temáticas, em que eram utilizadas frases previamente elaboradas, cuja dinâmica voltava-se para o olhar colaborativo dos sujeitos, valorizando e estimulando a criticidade dos participantes, logo, as rodas de conversa “(...) são estratégias político-libertadoras, que favorecem a emancipação humana (...)” (BEDIN E DEL PINO 2016, p. 1414).

Sendo assim, acreditamos que as ações foram pensadas dialogando com à concepção da pedagogia crítica Freiriana (2002), com a intenção de colaborar e instrumentalizar professores para um exercício mais saudável no decorrer da prática docente, onde seja possível realizar a intervenção necessária para prevenir o adoecimento e, conseqüentemente, se potencialize as medidas em prol da qualidade de vida.

7.3 Instrumentos utilizados na Pesquisa

Inicialmente para alcançar o objetivo desta pesquisa realizamos visitas pré-agendadas na escola, para realizar leituras e fotografar a parte documental (atas, pasta pessoal individual dos docentes, atestados, laudos e efetividades) de interesse do pesquisador. Dessa maneira consultamos os documentos já referidos pelo período de 2015 até o ano de 2020.

Posteriormente, a análise preliminar no tocante a parte documental nos dedicamos a análise dos dados, visto que, nesse momento é chegado o instante de “(...) reunir todas as partes – elementos da problemática ou do quadro teórico, contexto, autores, interesses, confiabilidade, natureza do texto, conceitos chave” (CELLARD, 2008, p. 303).

Em se tratando das ações realizadas utilizamos como instrumentos as gravações dos encontros e os cadernos de anotações dos participantes. Sobre

o primeiro instrumento citado, para Sadalla e Larocca (2004) parte do potencial da gravação se dá pela possibilidade de registrar acontecimentos fugazes, que provavelmente passariam imperceptíveis mediante uma observação direta. Já com relação aos cadernos de anotações dos participantes, corroboramos com Macedo (2010) quando o mesmo enfatiza o caráter investigativo e reflexivo deste instrumento, uma vez que percebemos no decorrer das análises nos registros realizados pelos participantes, falas que não foram externalizadas nos encontros foram registradas através da escrita. Dito isso, toda a análise dos dados dessa pesquisa aconteceu, por meio da metodologia de análise de conteúdo, logo, compreendemos que está é

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47)

Nesse sentido, por meio dessa metodologia é possível que o pesquisador classifique e também categorize os conteúdos sintetizando e, por conseguinte, extraindo os elementos principais passíveis de ser comparados e problematizados com outros elementos presentes na pesquisa.

7.4 Cronograma da Pesquisa

No quadro abaixo consta a síntese das ações referentes ao período de 2020 a 2023.

| Mês/Ano | Ações Realizadas/ Pretendidas |
|----------------|---|
| Novembro/ 2020 | Leituras dirigidas, encontro com a orientadora. |
| Dezembro/2020 | Leituras dirigidas, encontro com a orientadora. |
| Março/2021 | Início da escrita do projeto. |
| Março/2021 | Ida até à escola para apresentar proposta de pesquisa para a direção escolar. |
| Abril/2021 | Análises dos registros documentais na escola. |
| Maió/2021 | Encontro com a orientadora e sistematização dos registros. |

| | |
|---------------|---|
| Junho/2021 | Análise final e registro da coleta de dados. |
| Julho/2021 | Continuação da escrita do projeto. |
| Agosto/2021 | Encontro com a orientadora. |
| Agosto/2021 | Ida até a escola para coleta de novos dados com a utilização do diário de campo. |
| Setembro/2021 | Orientação com a orientadora e preparação do projeto para a banca de qualificação. |
| dezembro/2021 | Escrita da pesquisa. |
| Março/2022 | Banca de qualificação. |
| Abril/2022 | Análise em conjunto com a orientadora das sugestões elencadas pelos integrantes na banca de qualificação. |
| Maiio/2022 | Esboço de ações e discussão com a orientadora da viabilidade destas na pesquisa. |
| Junho/2022 | Leitura dirigida e encontro com a orientadora. |
| Julho/2022 | Encontros com a orientadora preparação para ações a serem realizadas na escola |
| Agosto2022 | Convite realizado na escola para participar da pesquisa. |
| Setembro/2022 | Encontros realizado na escola com os participantes da pesquisa. |
| Outubro/2022 | Encontros realizado na escola com os participantes da pesquisa. |
| Novembro/2022 | Análise dos encontros e continuidade da escrita da pesquisa |
| Dezembro/2022 | Finalização da análise e encaminhamentos finais ao o fechamento da escrita |
| Abril/2023 | Defesa do Relatório Crítico-Reflexivo |

8. DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS E ANÁLISE DA COLETA DE DADOS

8.1 Descrição dos Encontros¹³.

Os encontros foram realizados no prédio da escola General Antônio de Sampaio e contaram com a presença de sete (07) participantes. Este grupo de participantes foi montado por meio de uma ficha de inscrição (apêndice B). Deixamos a referida ficha na escola, aproximadamente vinte (20) dias antes da previsão para o início dos encontros, com o intuito daqueles que estivessem interessados pudessem fazer a sua inscrição e participar. Desse modo, assim que o pesquisador percebeu que não haveriam mais inscrições, partimos para a próxima etapa, ou seja, a criação de um grupo de WhatsApp para tirar dúvidas, agendar e combinar as datas dos encontros.

O primeiro encontro foi realizado no dia 29/09/2022 e teve a duração de três (03) horas, isto é, o iniciamos às 17 horas e 30 minutos e terminamos às 20 horas e 30 minutos. Todos os sete (07) participantes inscritos se fizeram presentes. O segundo encontro foi realizado no dia 03/10/2022 e também contou com os sete (07) participantes. Esse evento durou três (03) horas, pois, iniciou às 17 horas e 30 minutos e findou às 20 horas e 30 minutos. Em se tratando sobre o terceiro, o mesmo ocorreu no dia 04/10/2022 e contou com um quantitativo de seis (06) participantes, visto que, um dos participantes não pode se fazer presente nesse dia. A duração deste encontro foi maior que os anteriores, pois, começamos às 17 horas e 30 minutos e fomos até às 21 horas e 30 minutos. Com relação, a realização do quarto e último encontro, ele ocorreu no dia 26/10/2022 e contou com a presença de todos participantes. O evento teve a duração de três (03) horas e trinta (30) minutos. Iniciamos às 17 horas e 30 minutos e finalizamos às 21 horas. Cabe ressaltar ainda, que as datas e horários dos encontros sempre foram combinados para que a maioria dos participantes pudesse se fazer presentes.

¹³ As fotos retiradas nos encontros encontram-se na pesquisa (apêndice A).

8.1.1 Primeiro Encontro

No dia vinte e nove (29) de setembro de 2022 por se tratar do primeiro encontro, como forma de acolhida e por estarem a serviço da escola até às 17 horas e 30 minutos foi oferecido um lanche aos participantes, esse momento do lanche teve uma duração de trinta (30) minutos.

Após a confraternização o pesquisador deu sequência ao encontro fazendo uma explicação detalhada do seu objetivo para realizar a pesquisa na escola General Antônio de Sampaio, bem como suas motivações e possibilidades de aplicabilidade da pesquisa, para elucidar esse momento foi realizada uma breve explanação do pesquisador, com relação aos caminhos percorridos na pesquisa até aquele presente momento. Para isso, o pesquisador fez o uso de uma televisão de cinquenta (50) polegadas e um pendrive como instrumentos tecnológicos auxiliares. Através de slides foram apresentados os dados coletados na pesquisa diagnóstica, assim como os objetivos, a justificativa e a metodologia, com o intuito de familiarizar os participantes com a temática e com a proposta da pesquisa. Todos esses passos foram importantes para organizar o formato, bem como, as proposições para os encontros. Ainda nesse encontro, o pesquisador entregou um caderno de anotações para cada participante explicando como deveria ser usado este material. Dando continuidade ao encontro foi proposto uma roda de debates, nela o pesquisador apresentou uma pergunta que serviu para orientar a discussão. A pergunta utilizada foi a seguinte: “O que entendemos por adoecimento docente”. Nesse momento, surgiram várias indagações, sugestões e até mesmo conceitos gerando um diálogo rico em informações referentes ao tema proposto. Dessa forma, para Bedin e Del Pino (2018), as rodas de conversa proporcionam aos participantes, um espaço promissor para que se estabeleçam diálogos significativos ampliando as visões não só de si como também do outro. Nessa perspectiva, a discussão instigou os participantes. Em alguns momentos o pesquisador fez interferências para mediar o debate e/ou possibilitar que todos pudessem participar, dando ao encontro um andamento mais dinâmico e, conseqüentemente, gerando um feedback posterior extremamente promissor para o pesquisador. Findando este encontro o pesquisador propôs aos participantes, que utilizassem os cadernos para fazer anotações de tudo aquilo

que gostariam de ter falado, mas, que por algum motivo não teria sido oralizado. Da mesma forma, foi proposto que cada participante realizasse uma avaliação escrita do encontro. Por fim foi feito os combinados para o próximo encontro e foi pedido pelo pesquisador que cada um anotasse em seu caderno, o entendimento dos mesmos sobre a frase inicial: “O que entendemos por adoecimento docente”. Esta proposta contemplaria o debate inicial do segundo encontro.

8.1.2 Segundo Encontro

Realizamos o segundo encontro no dia três (03) de outubro de 2022. Nos reunimos novamente às 17 horas e 30 minutos. Do horário inicial até às 18 horas foi concedido aos participantes um espaço para que pudessem realizar um lanche ofertado pelo pesquisador. Posteriormente, partimos para o momento dos relatos dos participantes a respeito da frase questionadora do encontro passado. Cabe retomar que a frase utilizada no encontro passado era: “O que entendemos por adoecimento docente”. E a frase que seria utilizada para esse encontro era: “O que é o adoecimento docente”. Surgiram várias proposições, uma vez que no primeiro encontro os participantes não tinham grandes conhecimentos prévios, porém, neste encontro a frase (segunda) foi problematizada por meio de certa instrumentalização por estes sujeitos servindo de aporte inclusive, nos encontros seguintes. Essa dinâmica foi interessante e entrelaçou vários debates. Desse modo, ficou perceptível que neste encontro o entendimento dos participantes sobre o adoecimento docente era carregado de profundidade e significação. Ressaltamos que 24 horas antes deste encontro ocorrer o pesquisador enviou sugestões pelo grupo de WhatsApp, para instrumentalizar os participantes preparando-os para o segundo encontro, assim como para os encontros posteriores. Fato este que rendeu ao segundo encontro trocas mútuas entre os participantes. Este encontro foi elogiado pelos participantes, uma vez que os combinados estabelecidos no encontro anterior, somado ao registro realizado por eles no caderno de anotações, bem como, as contribuições elencadas na segunda roda de conversa foram percebidas enquanto ações ativas por parte dos sujeitos. Desse modo, conforme íamos amadurecendo nossas discussões alguns participantes relatavam o sentimento de surpresa, ao reconhecer que

teriam passado muito perto de um quadro adoecimento docente, e nem sequer, haviam percebido anteriormente. Sobre essa questão Marques, Martins e Sobrinho (2011), enfatizam que é de suma importância compreendermos contextualmente as possíveis implicações do trabalho para a saúde, afim de buscarmos estratégias que previnam o adoecimento. Nessa lógica, também debatemos sobre possíveis fatores ou causadores do adoecimento. Discussão esta, que repercutiu no grupo de WhatsApp, culminando com pedidos para nos reunirmos para o próximo encontro no dia seguinte. Assim sendo, como não havíamos uma agenda fixa sobre os encontros, nada mais justo que seguir a vontade da grande maioria dos participantes, logo, determinamos que o terceiro encontro assim ocorreria.

8.1.3 Terceiro Encontro

O terceiro encontro, conforme mencionado acima foi solicitado que ocorresse no dia posterior ao segundo, ou seja, este foi realizado no dia quatro (04) de outubro de 2022. Dessa forma, como de costume os participantes já sabiam que no período inicial havia o lanche, portanto, alguns já chegaram brincando e perguntando pelo café, suco, bolo, biscoitos, etc; esse momento de confraternização já fazia parte do cronograma dos encontros, logo, após os participantes terem lanchado passamos para o próximo instante, que contemplava a retomada dos debates oriundos dos encontros anteriores. A cada indagação percebíamos, cada vez mais nitidamente, uma evolução no teor das discussões. Os participantes estavam interessados, preparados e munidos de informações pertinentes ao tema proposto. Ao nos encaminharmos para a metade do encontro lançamos a terceira frase norteadora que era: “Quais fatores contribuem para o adoecimento docente”. Frase esta que já havia sido mencionada e rendido bons questionamentos, mesmo que involuntariamente pelos participantes no segundo encontro, portanto, naquele momento a exploramos com mais afinco. Surgiram uma série de fatores elencados pela fala dos participantes. Uns tinham reclamações e outros davam sugestões para minimizar estes fatores. Em alguns momentos havia unanimidade, como por exemplo quando eram citados fatores envolvendo carga horária exaustiva, excesso de demandas e de atribuições, falta de investimentos nas escolas e no

corpo docente, melhores condições no ambiente escolar, problemas relacionados com colegas e/ou estudantes, entre outros. Nesse sentido, Ribeiro (2001) afirma que o processo está inverso, isto é, adoecemos primeiro e, só posteriormente são oferecidas as intervenções necessárias, porém, o processo deveria ser outro, isto é, deveriam ser realizadas ações preventivas ao adoecimento. Ainda nesse encontro, embora não estivesse diretamente na pauta, surgiram discussões associadas ao adoecimento e a pandemia da covid-19. Segundo alguns participantes embora não houvesse entrada de atestados no período pandêmico nas dependências da escola, houveram profissionais que adoeceram. Inclusive alguns se perceberam angustiados, estressados, com picos de irritabilidade e transtornos de humor por exemplo. Dessa maneira, dos sete participantes três alegaram ter sofrido algum tipo de adoecimento, que se fossem acometidos no ensino presencial, muito provavelmente teriam colocado atestado médico, porém, como estavam trabalhando em casa (na forma remota) foram empurrando esta situação. Ainda nessa lógica, uma participante que está a mais de uma década na escola e nunca se ausentou por motivos médicos, afirmou que durante a pandemia apresentou por no mínimo duas vezes sintomas de ansiedade, isolamento social, mudanças drásticas na rotina, entre outros fatores que impactaram sua saúde psíquica e física. Após findarmos este debate, o encontro ainda se estendeu por mais de uma hora além do tempo previsto. Assim foi sugerido pelo pesquisador que aquele momento final, em que, os participantes faziam suas anotações e avaliavam o encontro no caderno ficasse para ser executado em casa. Tecemos então nossos últimos combinados e encerramos o encontro.

8.1.4 Quarto Encontro

O quarto e último encontro ocorreu no dia vinte e seis (26) de outubro de 2022. A distância entre o terceiro e o quarto encontro foi necessária devido a semana de trabalho e provas escolares. Fato este que limitava a disponibilidade dos participantes, uma vez que neste período eles tinham inúmeras atribuições. Entretanto, ainda que o último encontro tenha sido postergado para o final de outubro, o grupo WhatsApp permaneceu ativo nesse período, logo, todos os dias surgiam problematizações sobre o adoecimento oriundas inclusive do

encerramento do ano escolar, momento em que os profissionais já estão cansados, desestimulados, questionando seu papel de agente histórico e suas práticas, bem como, o posicionamento da gestão frente a tudo isso. Dito isso, ainda que fossemos nos ver para oficializar o quarto encontro no final de outubro, nos mantemos assíduos em nossas discussões via grupo. Desse modo, quando chegou o dia vinte e seis (26) de outubro, como de costume, fizemos a nossa confraternização inicial. Logo após trouxemos à tona os resultados dos debates dos encontros anteriores. E surpreendentemente percebemos que entre gravações e anotações dos cadernos tínhamos uma enormidade de material para ser analisado pelo pesquisador, por meio do que foi produzido em conjunto com os participantes ao longo dos encontros. Neste encontro, iniciamos ainda a construção do documento¹⁴ que deixaríamos a cargo da gestão escolar, com contribuições e/ou sugestões a serem inseridas no cotidiano da escola, na intenção de amenizar a alta demanda de atestados e transformar a escola em um lugar mais atrativo e menos nocivo ao docente. Deste documento surgiram sete (07) ações, algumas carregavam medidas simples e outras mais elaboradas, porém, acreditamos que todas eram viáveis quanto a realização. Ao nos encaminharmos para o encerramento do encontro, os participantes fizeram suas colocações e reflexões finais, alguns externalizaram suas frustrações com o sistema educacional ressaltando a importância do trabalho realizado pelo pesquisador, visto que, conforme o entendimento deles o adoecimento docente deveria ser uma preocupação do interesse de todos, mas, principalmente dos órgãos governamentais que tendem a mascarar a situação, ao invés de procurar soluções ou atribuem culpabilidade aos sujeitos como se partisse de uma condição voluntária. Ainda neste momento, os participantes agradeceram o pesquisador pela parceria de formação com a universidade. Por ter sido oportunizado lugar de fala e, conseqüentemente, traçaram projeções de melhorias no trabalho docente, a partir das proposições elencadas na pesquisa e no documento que ficaria a cargo da escola. Por fim o pesquisador fez uma fala de agradecimento e ficou de fazer a devolutiva para os participantes e, posteriormente, para escola quando o documento produzido estivesse redigido e formatado formalmente.

¹⁴O documento com as ações sugestivas para escola está disponível no apêndice D

8.2 Análise de Dados dos Encontros

Na realização da análise dos dados nos valemos da metodologia da Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Sendo assim, discutimos, analisamos e tecemos relações dessa metodologia com a temática de estudo do pesquisador, uma vez que, essa metodologia consente a classificação e a categorização de qualquer conteúdo.

Desse modo, por meio dos instrumentos já mencionados anteriormente foi realizada a categorização dos dados coletados nessa pesquisa, segundo as etapas propostas por Bardin (2011). Isso quer dizer, num primeiro momento nos voltamos para pré-análise. Logo após, passamos para a exploração do material (segundo momento) e, por fim, nos dedicamos para efetivação do tratamento de resultados. Isso posto, ao adentrarmos na primeira etapa foi realizada a leitura, do que havíamos transcrito nas gravações dos encontros, a fim de que nenhum elemento ficasse de fora e pudesse ser operacionalizado na pesquisa. Feito isso, partimos para criação de uma grande categoria intitulada: “uma visão sobre o adoecimento docente”.

Ainda nessa lógica, quando nos dirigimos para o momento destinado ao tratamento dos resultados era chegada a hora de condensarmos as informações para análise e, conseqüentemente, para as inferências, uma vez que, estamos diante de um momento intuitivo, assim como de análise reflexiva e crítica (Bardin, 2011).

8.2.1 Uma Visão sobre o Adoecimento Docente

A pesquisa realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental General Antônio de Sampaio envolveu sete (07) professores da escola. Neste contexto, a partir das gravações realizadas nos encontros, das leituras dos materiais produzidos e também dos referenciais teóricos utilizados durante a pesquisa consideramos a organização da categoria acima mencionada, em três (03) subcategorias denominadas: 1) conceitos pré-estabelecidos sobre adoecimento; 2) mal-estar x bem-estar e 3) fatores predominantes para o mal-estar docente.

8.2.2 Conceitos Pré-Estabelecidos sobre o Adoecimento

A intenção inicial era entender e compreender qual a noção que os participantes tinham com relação a temática, porém, não estávamos somente preocupados como conceituavam o adoecimento por exemplo, mas sim como se apropriavam de tais discussões, quais eram suas fontes e/ou subsídios argumentativos para reivindicar e debater sobre o tema.

Desse modo, compreendemos que foi de suma importância a utilização do que chamamos de frases norteadoras dos encontros, pois, a cada encontro percebíamos um crescimento nas discussões e, muito deste se deu pelas problematizações iniciadas justamente com as frases questionadoras. Além disso, observamos que pouco a pouco os participantes tomavam consciência da importância do papel que exercem na sociedade, ou seja,

(...) quando confrontamos as nossas representações sociais com as nossas experiências e ações, e com as de outros do nosso grupo social, é que seremos capazes de perceber o que é ideológico em nossas representações e ações conseqüentes, ou seja, pensar a realidade e os significados atribuídos a ela, questionando-os de forma a desenvolver ações diferenciadas, (...), é que nos permitirá desenvolver a consciência de nós mesmos, de nosso grupo social e de nossa classe como produtos históricos de nossa sociedade, e também cabendo a nós – agentes de nossa história pessoal e social – decidir se mantemos ou transformamos a nossa sociedade (LANE, 1983, p. 36-37).

Nessa perspectiva, chamamos atenção dos sujeitos em inúmeros momentos sobre a importância de serem proativos, dinâmicos, críticos, do quanto é necessário que saiam de suas zonas de conforto e reivindiquem os seus direitos para que essa transformação social de fato ocorra.

Para além disso, quando questionamos os participantes a respeito do adoecimento docente surgiram diversos olhares sobre este conceito, entre eles o do (a) participante 4 alegando que o adoecimento *“é quando o profissional começa a apresentar sintomas físicos e/ou psicológicos que o levam a sentir-se com comprometimento de realizar suas atividades”*. Diante deste conceito percebemos que o participante 4 trouxe a questão do adoecimento enquanto um sintoma, logo, nessa mesma linha o adoecimento para o (a) participante 3 é

(...) uma forma de fadiga mental. Um esgotamento que decorre das atividades do dia a dia de trabalho e, a pessoa afetada perde a vontade de enfrentar os desafios diários. E esse trabalho que é de extrema importância para a sociedade, passa a ser um fardo pesado demais e o docente precisa carregá-lo sem ânimo, sem vontade de continuar, em decorrência do esgotamento mental em que se encontra.

Corrobora com os participantes anteriores o (a) participante 1, além disso ele inclui todas as comorbidades na questão do adoecimento. Segundo ele (a),

(..) todas as comorbidades se desencadeiam em decorrência do exercício da função de docente, além da pressão das famílias, dos alunos, o tempo que o docente fica em sala de aula, a exaustiva carga horária de trabalho, etc; geram um estresse e um esgotamento físico e mental para além do trabalho.

Da mesma forma, assim como o (a) participante 1, o esgotamento, também apareceu na conceituação realizada pelo (a) participante 5. Assim o adoecimento estaria *“ligado também a um esgotamento em que o docente sente que não é capaz de exercer a docência, passando então por uma auto avaliação que, muitas vezes, faz com que o docente não tenha forças para se recuperar”*.

Podemos perceber na fala dos participantes 4, 3, 1 e 5 que de algum modo, todos atrelaram o adoecimento a questões bem sintomáticas, porém, no decorrer dos encontros essa visão foi sendo desconstruída ou melhor ampliada, na medida em que, houveram relatos de profissionais que foram acometidos pelo adoecimento e os sinais não foram tão latentes, sendo quase imperceptíveis como foi o caso do (a) participante 2 ao expor que *“muitas vezes pelo profissional ter em mente seu papel de produção, o próprio corpo não apresenta sintomas e o profissional só percebe tal situação diante da gravidade da doença”*.

A dificuldade na conceituação do adoecimento não foi algo que ocorreu somente em nossas discussões durante os encontros, pois ao pensarmos na palavra adoecimento, inevitavelmente, atrelamos essa a análise ao contexto do processo de trabalho. Sendo assim, devemos considerar então,

(...) um caráter multifacetado dos processos de trabalho. Partindo desta ideia, acredito que saúde e doença não são estados ou condições estáveis, mas sim conceitos vitais, sujeitos a constante avaliação e mudança (SALVARO, 2009, p. 12).

Por essa lógica, de mudança com relação ao prisma que cada participante visualizava. Cabe enfatizar que em determinados momentos, alguns se culpabilizavam ou culpavam outros colegas, na medida em que teciam problematizações sobre a temática ou conceituavam o adoecimento. Nessa perspectiva, o (a) participante 5 enfatiza o quanto a palavra “não” é essencial nos dias de hoje. Segundo este (a) participante

muitas vezes o docente fica engasgado com alguma demanda ou determinação e ao invés de questionar, acaba levando esse “peso” para casa e fica se consumindo por não ter questionado, concordado ou negado algo. Outra situação é o docente misturar problemas pessoal com problemas profissionais, assim não sabendo lidar com os desafios que a vida os impõe e não dando conta de resolver sua vida pessoal que acaba implicando no adoecimento.

Nesse mesmo sentido, o (a) participante 2 pontua “que *muitas vezes gostaria de falar e questionar algumas determinações impostas nas reuniões*”, porém, este (a) participante acaba não questionando e, por conseguinte, é ciente que a sua passividade é um mal que faz a si próprio (a).

De igual forma, o (a) participante 6 expõe sua fragilidade ao afirmar que “*também gostaria de questionar, mas preferia continuar em silêncio e esperar algum colega ser o questionador*”. Este (a) mesmo (a) participante vai além e entende que não tem um perfil questionador: “*não sou uma pessoa questionadora, mas depois fico me perguntando porque aceitei que tomassem essa decisão que eu não concordo*”.

Desse modo, realizamos um movimento nos encontros, a fim de evitar que estas vítimas seguissem reproduzindo esse vício ou mantivessem o sentimento de culpa. Pensando nisso acreditamos que é preciso

(...) coletivizar o fenômeno do adoecimento também significa dar-lhe visibilidade social, torná-lo uma questão socialmente problematizada e de interesse de toda a sociedade (GOUVÊA, 2016, p. 214).

Dito isto, tiveram participantes que discutiram o adoecimento de forma ampla, ou seja, não só a questão do adoecimento na docência, mas também em outras profissões vieram à tona. Por esse viés, o (a) participante 1 problematizou: “*podemos ver bancários com problemas físicos por passarem horas sentados na frente do computador, médicos e profissionais da saúde emocionalmente*

afetados por verem pessoas morrerem e as vezes não poderem fazer nada”.

Nesse mesmo ângulo, o (a) participante 3 enfatizou

vemos engenheiros com a responsabilidade de levantar prédios que sejam forte e não desabem com pessoas dentro, não estou dizendo que somos menos ou mais, só estou dizendo que todas as profissões têm seus adoecimentos.

Dessa maneira, ambos participantes ao falar sobre o adoecimento, implicitamente, ponderaram questões envolvendo a intensificação do trabalho. Sendo assim,

(...) Quaisquer que sejam as condições de sua realização, o trabalho está sendo transformado pela exigência de mais resultados materiais ou imateriais, o que implica que o agente deva empenhar mais suas energias físicas, mentais ou sociais na obtenção de mais resultados, de mais objetivos, em suma de mais trabalho (DAL ROSSO, 2008, p. 136).

Esse esforço sobre-humano dos trabalhadores em dar contas das tarefas que lhes são delegadas, têm refletido na saúde destes profissionais. No caso desta pesquisa dos profissionais da educação. Todavia vale enfatizar que o adoecimento ocorre em inúmeras esferas afetando o corpo e a mente dos sujeitos.

8.2.3 Mal-estar X Bem-estar

Quando criamos essa subcategoria lembrávamos de todas problematizações que realizamos com os participantes e, o quanto conseguimos ampliar coletivamente essa perspectiva pensando nas suas múltiplas dimensões, assim como quais os movimentos que deveríamos realizar para que o bem-estar prevalecesse e, por conseguinte, o mal-estar fosse sanado ou minimizado evitando possíveis adoecimentos.

Sendo assim, os (as) participantes 3 e 6 começaram levantando sugestões para o bem-estar na escola. Em contrapartida os (as) participantes 4 e 5 expuseram situações que os causava ou já causou mal-estar. Já, em se tratando dos (as) participantes 1 e 2, estes tentavam entender o conceito de mal-estar no ambiente de trabalho.

Neste contexto, numa das falas do (a) participante 3 a ideia de bem-estar é relacionada: “(...) *ao me sentir bem no meu espaço de trabalho, a sala dos professores limpa e organizada, o banheiro limpo, e minha sala de aula decorada e pedagogicamente colorida*”. Assim sendo, para Ferreira e Mendes (2003) as condições de trabalho quando não são satisfatórias refletem negativamente na vida do trabalhador podendo causar sofrimento e mal-estar.

Ainda com relação ao (a) participante 3, ele (a) compreende que quando os professores criam e realizam tarefas exitosas, os mesmos se sentem bem e, automaticamente, demonstram que possuem um diferencial se comparado com outros profissionais.

Podemos ver colegas postando em facebook e em grupos de WhatsApp atividades inovadoras que deram certo, isso com certeza deixa o docente feliz e orgulhoso de ser docente.

Dito isso, enfatizamos o quanto é importante cuidarmos para que a escola não vire um terreno, em que a competitividade e a rivalidade se façam presente entre os colegas, visto que, estes fatores afetariam diretamente o clima escolar e, conseqüentemente as condições de trabalho. Logo, sobre essa questão para Dejourn (2007), quando enfatizamos a competitividade e a individualidade são aguçadas a rivalidade e a desconfiança entre os sujeitos, condutas que levam ao isolamento e a solidão.

Por esse ângulo, para o (a) participante 6 o bem-estar tem haver com as questões diárias, com pessoas bem-humoradas e felizes nas tarefas que desempenham. Desse modo, para o participante 6

(...) trabalhar em um ambiente em que você se dá bem com os colegas e estudantes e que não haja desentendimentos nem fofocas, onde todos colegas são bem-humorados e contentes em estar ali, isso gera conforto para o desenvolvimento das atividades.

O (a) participante 4 vai além, para ele (a) há muitas interferências que podem causar bem-estar ou mal-estar no ambiente de trabalho, tem questões que envolve o próprio andamento da aula (clima que os alunos se encontram) e até mesmo os fenômenos climáticos. Com relação a estes fatores Esteve (1999), aponta que o “clima” de sala de aula incide diretamente na ação docente, não só limitando como gerando tensão negativa na prática cotidiana.

Somado a isso, para este (a) participante se o docente chega suado e com muito calor na escola ou se é surpreendido por exemplo, pela chuva e ainda assim, precisa dar uma aula de 4 horas todo molhado no inverno, entre outras intempéries é inevitável que a sensação seja de mal-estar.

Já dei aula toda molhada da chuva além de ficar vários dias resfriada e com sintomas gripais, o mal-estar físico e emocional daquele dia não permitiram dar o melhor de mim naquela aula.

Na mesma linha do (a) participante 4, as condições climáticas também aparecem na fala do (a) participante 7 mais, especificamente, questões envolvendo mal-estar docente devido ao calor. Fator esse que restringiria a atuação do mesmo no seu ambiente de trabalho.

Sempre passo mal no fim e início de ano, devido ao calor já tive vários mal-estar devido a baixas e altas na pressão, por causa do calor assim esse mal-estar não permite ministrar uma aula de qualidade, e isso é muito frustrante saber das minhas limitações.

Com relação ao (a) participante 5 a sobrecarga de trabalho acarreta na saúde docente, ou seja, o (a) professor que tem 40 horas aula (manhã-tarde) tem um intervalo muito curto entre o horário do almoço e o retorno para a escola. Podendo ficar ainda mais restrito, caso o profissional não tenha preparado anteriormente seu almoço, pois, além de realizar somente a refeição seria necessário prepará-la.

Muitas vezes pôr o tempo de almoço ser pequeno fui para a escola sem almoçar ou por não ter feito direito a digestão passei mal, isso me causou mal-estar gástrico e sentimental.

Diante deste relato do (a) participante 5 podemos imaginar a frustração de não estar alimentado ou estar com um processo de indigestão e, ainda assim saber que tem que dar o seu melhor, pois caso contrário, as cobranças pelo rendimento deste (a) trabalhador virão. Indo além, ao pensarmos no desgaste daqueles docentes que trabalham 60 horas e, por conseguinte, precisam dar conta de suas tarefas internas ou externas ao ambiente escolar. Certamente elas devem ser milimetricamente pensadas, para que possam suportar tamanha demanda.

Nesse sentido, o (a) mesmo participante afirmou que existem numerosos fatores que somatizados tornam ainda mais pesada toda a sobrecarga de trabalho. Mediante essa realidade o professor executa vários papéis e, portanto, “(...) se encontra sobrecarregado e o adoecimento docente emerge como consequência, pois sua atividade se torna precarizada pela estrutura produtiva, política e ideológica, posta no contexto capitalista” (CASTRO, 2020, p. 70).

Dessa maneira, muitos elementos que intensificam o trabalho docente seguindo a ordem de cumprir sem questionar, de dar conta dos prazos, de produzir a qualquer custo seguindo a lógica capitalista, além de podar a criatividade, a criticidade e o senso reflexivo dos docentes culmina em inúmeros casos com o adoecimento.

Pensando nas incertezas que assola a profissão tiveram participantes que em determinados momentos, durante os encontros questionavam até que ponto o mal-estar acarretava física e psicologicamente os sujeitos? Quando que este estaria vinculado somente a um estado espírito? Assim como o que poderia ser feito para minimizar esta situação? Se o uso de medicação seria uma solução viável ou se a busca por estratégias seria uma melhor opção? *“Como faço para extrair o melhor de mim em um ambiente em que não me sinto bem de trabalhar”* (Participante 1). *“Se eu tiver com dor posso tomar medicamentos antes de sair para o trabalho e, talvez possa dar uma ótima aula, mas o que fazer quando meu mal-estar é por alguma forma de preocupação?”* (Participante 2).

Para os (as) participantes 3 e 5 a linha entre o mal-estar e bem-estar é bem tênue. *“Já trabalhei um dia muito bem e no outro, no mesmo ambiente a sensação de mal-estar tomou conta de mim”* (Participante 3). Segundo Esteve (1999) entre os exemplos de sofrimentos e/ou mal-estar que estão submetidos os docentes é possível elencar causas referentes: a exaustão emocional, psíquicas, químicas, mecânicas, biológicas, despersonalização, entre outras.

8.2.4 Fatores Predominantes para o Mal-estar Docente

Essa subcategoria foi criada para debatermos o que os participantes pensavam sobre alguns dos causadores do adoecimento dentro da escola. Adiantamos a unanimidade dos participantes no tocante a carga horária

excessiva e demasia de atribuições delegas ao docente. Desse modo, o (a) participante 1 discute justamente essas atribuições.

São tantas as atribuições que mesmo depois de um dia longo de trabalho cumprindo horário exaustivo na sala de aula ainda chego em casa e não posso atender (diretamente) minha família, pois, ainda falta corrigir trabalhos, provas, atualizar o sistema, entre outros afazeres que se estendem para casa.

Nesse sentido, quando pensamos na organização do trabalho, devemos levar em consideração que cada profissional adota características e formas próprias, principalmente para tratar suas tensões e adversidades. Isso envolve a subjetividade dos indivíduos. Na mesma linha do (a) participante 1, o (a) participante 3 pontua:

(...) sou concursada 40 horas semanais para conseguir dar uma aula produtiva preciso utilizar o meu tempo livre, ou melhor o tempo que estou em casa atendendo os meus filhos para produzir essa aula, assim a carga horária de 40 horas que já é muito alta acaba virando maior ainda.

Dessa maneira, a questão do profissional chegar em casa e ter, outras tantas atribuições vinculadas ao âmbito educativo para realizar é um fator que desgasta profundamente. Não há um desprendimento, pois, é preciso planejar aulas, corrigir provas e trabalhos, entre outros fazeres que põem a família em segundo plano. Sobre os aspectos relacionados a carga de trabalho têm aqueles que envolvem:

(...) à estrutura física, como calor, barulho, iluminação, entre outros, e os de componente mental, que se refere à percepção e tratamento das informações para a efetivação do trabalho. É neste último que se encontra a carga psíquica, que infere questões relacionais e afetivas que acompanham o trabalhador para além de seu local de trabalho. Sensações e sentimentos produzidos no e pelo trabalho afetam diretamente a saúde, provocando tensões constantes que precisam ser descarregadas (SOUZA, 2015, p. 26)

Por esse ângulo, é interessante frisarmos que mesmo com tantas exigências que os profissionais têm para cumprir, em nenhum momento nossos encontros foram vistos como um “fardo”, ou seja, talvez a nossa ideia de os recepcionar com um lanchinho e, de utilizar esse momento de confraternização para conversas despreziosas, de alguma forma tenha feito a diferença na vida

desse sujeitos, ou seja, ainda que pensássemos nos encontros enquanto um espaço de formação nunca se tratou de um monólogo, os participantes eram ouvidos, valorizados, as construções e as trocas fortaleciam de alguma forma aquele grupo, fazendo com que eles tivessem vontade de retornar.

Falando sobre essa questão do profissional se valorizado no seu ambiente de trabalho, também foi algo que se fez presente durante as problematizações dos participantes. Desse modo, (o) a participante 3 enfatiza que: *“os gestores não investem o necessário para que o docente possa desenvolver as atribuições de seu cargo de forma digna e prazerosa”*. Nessa mesma linha, o (a) participante 5 afirma que:

(..) se houvesse realmente uma maior valorização do professor, com salários mais dignos investimentos no estudante e na saúde dos professores com certeza a profissão docente seria mais compensadora e menos frustrante.

Sendo assim, evidenciamos que há um sério problema relacionado à falta de política de valorização dos profissionais da área educacional especialmente, no tocante, as questões salariais e as de infraestrutura nos ambientes de trabalho. Somado a isso, tem se a problemática da gestão educacional e a falta de ações, inclusive de assistência à saúde dos docentes. Nessa perspectiva, o (a) participante 5 é enfático (a):

(..) sim a valorização do professor e o investimento na educação são muito importante para a felicidade do professor, pois um professor feliz e contente com seu emprego tende a proporcionar uma educação de qualidade, mas não é só de dinheiro que estamos falando, se as famílias e estudantes estiverem engajados no processo ensino aprendizagem facilita e muito as práticas docentes, assim não sobrecarrega tanto o professor.

Da mesma maneira, para o (a) participante 7 o fato do profissional se sentir valorizado, não significa somente receber um salário digno, portanto, para este (a) participante é essencial realizar investimentos não em recursos materiais, embora isso também seja importante para o (a) participante, porém, ele (a) compreende que a escola deve ser reorganizada numa outra lógica de atividades e de profissionais: *“falo em aulas de teatro, arte, gastronomia,*

atendimento psicológico na escola para estudantes e docentes, entre outras possibilidades que propicie felicidade, segurança e o bem-estar dos sujeitos”.

O (a) participante 6 nos traz outros dois fatores que considera importante e os (as) participantes 2 e 4 concordam com ele (a). Desse modo, o (a) participante 6 afirma:

(...) que um ambiente agradável torna a minha atividade diária de trabalho mais atraente, mas não falo só de ambiente físico paredes pintadas, limpas etc. falo de ambiente agradáveis para convivência, colegas felizes que deixem o clima leve e não colegas mal-humorados de mal com a vida que deixam sempre um clima pesado.

Sobre esta questão que envolve o ambiente para Mendes & Morrone (2002), muitas vezes, o trabalho não oferece ao trabalhador condições condizentes com seus anseios e necessidades, deixando de ser um espaço prazeroso e tornando-se um local visto como um sofrimento ao trabalhador. Posto isto, para o (a) participante 2 situações envolvendo limpeza, odores e claridade são essenciais para a prática saudável da atividade docente.

Acho que ninguém gosta de trabalhar em um local sujo com mal cheiro, escuro, e sim em um local de trabalho limpo, com bastante iluminação natural bastante verde, com odores agradáveis, assim acho que a estrutura física e sua conservação e manutenção de limpeza e reformas sejam primordiais para se ter um local de trabalho de boa qualidade.

Ainda nesta lógica, de atentarmos para a importância de o ambiente de trabalho ser promissor aos sujeitos, o (a) participante 4 compreende que são diversos os fatores que contribuem ou não para um local salutar, bem como, as variáveis, todavia, *“alguns poderão variar de acordo ao contexto no qual o docente esteja inserido como é o caso das relações interpessoais, quando o ambiente é agradável de relações saudáveis este não será fator de risco”.*

Dito isto, todos os (as) participantes concordam com a seguinte premissa: um ambiente agradável possibilita condições de trabalho satisfatórias que elevam as estruturas psíquicas para que o trabalhador consiga trabalhar. Podemos dizer que, se trata de uma forma de valorização do trabalhador, logo,

para Ferreira & Mendes (2003), o sentimento de valia faz das condições de trabalho um componente estruturante do trabalho.

9. FATORES CAUSADORES DE ADOECIMENTO DOCENTE NA VISÃO DOS PROFESSORES

Esse capítulo traz a visão dos professores da escola sobre fatores que causam adoecimento docente. Desse modo, por meio dos registros colhidos pelo pesquisador foi possível elencar uma série de fatores causadores de adoecimentos. Dentre estes destacamos aqueles que foram os mais citados: carga horária excessiva de trabalho, desvalorização da profissão, ambiente físico inadequado e/ou sem manutenção, estresse entre os colegas, assim como com os estudantes.

Em se tratando sobre a carga horária do professor são constantes as afirmações, de que o desempenho destes profissionais vai muito além de 20 ou 40 horas trabalhadas (dependendo do concurso de cada professor), ou seja, os profissionais alegam que a realidade docente não se resume somente, a ministrar uma aula atrativa que favoreça a aprendizagem dos estudantes, visto que, o período posterior a escola envolve horas de trabalho extraclasse em suas residências. Muitos inclusive enfatizaram que por vezes, precisam ou já precisaram virar a madrugada entre leituras e preparação de material para suas aulas.

Tenho muita preocupação com meus alunos, quando se trata de aprendizagem do conteúdo, pois a prova vai reprovar ou aprovar, acabo virando madrugadas para preparar atividade que possam ajudar eles a se saírem bem nas avaliações, pois, fico frustrada quando meus alunos não alcançam a média (Participante 3).

Nessa perspectiva, Gomes e Britto (2006) pontuam que a sobrecarga de trabalho dos docentes se sobrepõe aos limites de tempo/espço da escola invadindo assim o espaço familiar. Isso quer dizer, que há profissionais que acabam ocupando o tempo que seria para seu descanso com as atividades voltadas à docência. Ainda sobre essa sobrecarga, outra questão elencada foram as formações ofertadas a estes profissionais, haja vista, que nem sempre há uma consulta prévia nas escolas por parte da Secretaria de Educação, a respeito do interesse pelas temáticas propostas, bem como a disponibilidade sobre os horários para tal realização, ocasionando em inúmeros momentos falta

de significação pela imposição, estresse e transtornos psicoemocionais na vida dos docentes.

Esse ano as formações ofertadas pela Smed não tiveram relação com a minha formação nem com o que eu aplico em sala, ou seja, fui obrigada a participar das formações e não tive aproveitamento de nada, ainda perdi o tempo que eu podia estar planejando ou alimentando o sistema (Participante 2).

Nessa lógica, podemos perceber que os participantes enfatizam que todo o excesso de trabalho que lhes é delegado, além de extrapolar suas cargas horárias contribuem para o adoecimento dos docentes. Somado a isso, surgem outros pontos como a precarização do ensino e a desvalorização do professor pelo poder público. Por esse viés, os participantes pontuaram que seus rendimentos nem sempre são suficientes para custear suas despesas dignamente, logo, o tempo que poderia ser utilizado para lazer ou apenas de forma ociosa acaba sendo muitas vezes, uma oportunidade de aumentar a renda como por exemplo, com aulas particulares para estudantes de outras escolas.

Sou concursada 20 horas em uma escola do município e 20 horas em uma escola do estado, o que eu recebo mal paga minhas contas, por isso, dependo das minhas aulas particulares para ter uma renda extra (Participante 7).

Desse modo, Pereira et al. (2014) atentam para precarização do trabalho docente. Afirmando que tal situação faz parte de um processo histórico complexo, porém, cada vez mais evidente, o qual reflete diretamente não só na qualidade do ensino como na saúde dos docentes. Dito isso, quando tange a questão da precarização do trabalho docente não podemos deixar de pontuar que os participantes sentem profundo desgosto e desânimo quando se deparam com um ambiente de trabalho nada prazeroso, desgastado pelo tempo e com falta de investimentos.

Para muitos professores o ambiente físico da escola não basta apenas estar pintado e limpo, mas para se sentirem bem dentro desse espaço de trabalho é necessárias salas (de aula, dos professores, direção, refeitório entre outras) arejadas, iluminadas e com ventilação adequada, pois, até mesmo questões respiratórias ligadas a falta de ventilação, umidade e manutenção

adequada foram evidenciadas pelos participantes como fatores que acometeram na saúde e no adoecimento destes profissionais

A mudança de direção foi boa, pois, só em ter trocado a sala dos professores já dá um ânimo de vir trabalhar. Agora temos uma sala de professores maior, mais arejada e mais clara, já dá um animo maior para vir para a escola (participante 3).

Ainda em se tratando sobre o ambiente profissional, as relações entre colegas e/ou com os estudantes também são considerados fatores que podem ocasionar o adoecimento, portanto, um ambiente estressante, desagregador, que não favorece o diálogo prejudica as relações interpessoais e, conseqüentemente, a saúde refletindo no trabalho docente.

Tem dias que no meu período vago ou hora do recreio eu prefiro ficar na frente da escola fumando e conversando com pais e alunos que passam, do que ficar na sala dos professores. (Participante 3), “Já eu, na hora do recreio prefiro lanchar e ficar na sala, pois, tem muito assunto que não me agrada na sala dos professores”. (Participante 2)

Nessa perspectiva, os conflitos não resolvidos tornam-se potenciais fatores que não só desgastam, como frustram os profissionais que não conseguem lidar nem problematizar as situações que se apresentam. Se pensarmos em saúde, o estresse, a síndrome do pânico, burnout, e outros adoecimentos foram apontados como doenças já vivenciadas pelos participantes ou por seus colegas de profissão. Sobre a síndrome de burnout Benevides-Pereira (2002) esclarece que, é decorrente de um estado de estresse associado diretamente à atividade (trabalho) exercida pelo sujeito.

Nessa lógica, Wallau (2003) atenta para o estresse oriundo das demandas presentes no trabalho, ou seja, o estresse ocupacional. Para essa autora, o estresse no trabalho pode ser compreendido como um fenômeno pessoal e social que está mais frequente na vida dos indivíduos e, que tem acarretando conseqüências em nível intelectual, físico e organizacional. Dessa forma, percebemos que os adoecimentos surgem não só pelo desgaste da profissão, mas também pelo desânimo, frustração e até mesmo impotência frente as adversidades que se apresentam.

Estou apavorada com o desenvolvimento dos alunos, eles não conseguem aprender, pensei que o problema fosse eu, mas em conversa com outros colegas fiquei sabendo que a maioria dos alunos estão com sérios problemas de aprendizagem (Participante 6)

Nesse sentido, podemos notar as angústias, medos e até anseios dos participantes frente as suas percepções sobre os fatores causadores do adoecimento docente. Pelo viés dos professores não há um único fator, porém, poderíamos dizer que é um somatório de inúmeros pontos que culminam com o adoecimento. Assim sendo, julgamos necessários elencar neste capítulo aqueles que foram mais evidenciados e debatidos nos encontros, através dos relatos ou até mesmo, do que foi escrito nos cadernos de anotações dos participantes. Cabe salientar que estes não foram os únicos fatores elencados, mas foram sim, os mais presentes.

Dito isso, é de suma importância que tenhamos um olhar mais cauteloso com a educação, na intenção não só diagnosticar como também de procurar resolver os problemas que nos são palpáveis. Além disso, se faz necessário políticas públicas eficientes e gestores comprometidos com as pessoas e com a educação que de fato contemple a todos, que agregue e que não afaste os sujeitos, que seja fraterna e propicia ao diálogo.

10. APRESENTAÇÃO E DIÁLOGO COM A PROPOSTA DE AÇÕES SUGESTIVAS PARA MINIMIZAR QUESTÕES DE ADOECIMENTO

Essa proposta surgiu por meio dos encontros ministrados pelo pesquisador Bruno Padula Medeiros na escola General Antônio de Sampaio. Proposta esta, que tem o intuito de minimizar questões de adoecimento docente no decorrer do ano letivo. O discente do Curso de Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Federal do Pampa – campus Jaguarão, realizou esse trabalho com a orientação da professora doutora Silvana Maria Gritti. Dessa maneira, após a realização dos quatro (4) encontros foi elaborado esse documento com algumas ações que para os participantes podem minimizar e/ou sanar alguns aspectos responsáveis pelo adoecimento docente.

Nessa perspectiva, acreditamos que para que exista uma melhora concreta das condições de saúde destes professores existem elementos constituintes do e no trabalho docente que precisam ser modificados. Alguns destes, inclusive, necessitam de investimento em políticas públicas em nível sistêmico, prescindindo de ações diretas que reflitam no exercício da docência, para que possam ser alterados e, quiçá superados como questões envolvendo:

(...) a violência escolar; a burocracia instituída como parte do trabalho; o excesso de alunos na sala; os baixos salários e um plano de carreira deficitário; a formação insuficiente; os recursos materiais e didáticos escassos; o excesso de períodos semanais em sala de aula, sobrando pouco ou nenhum espaço para o planejamento pedagógico individual e coletivo; um serviço de saúde técnico que não auxilia diretamente nos problemas de saúde dos professores, entre outros (MENDES, 2011, p. 90).

Nesse sentido, elencamos algumas propostas passíveis de aplicabilidade que servirão como sugestões para a gestão, com o intuito que propicie melhora na qualidade de vida dos docentes e da instituição como um todo. Dito isso documento constam sete (7) propostas descritas abaixo:

Proposta 1: Reuniões temáticas.

Quem deveria estar à frente da atividade? Direção da escola

Essa proposta tem o intuito de debater mensalmente temas que acontecem no cotidiano da escola, seriam reuniões dentro do horário da escola

em um modelo de formação pedagógica, porém, não seria para tratar de assuntos pedagógicos, mas sim temas livres que partissem do interesse de uma maioria, como por exemplo: o adoecimento docente, entre outros. Ainda com relação ao tema, pensamos que não há problema que um mesmo tema seja pauta mais de uma vez, pois, os assuntos não se esgotam repentinamente, logo, podem surgir diversas temáticas sugeridas pelos participantes envolvendo: economia, saúde, política, esportes, filmes e outros podem aparecer.

Desse modo, os encontros se dariam da seguinte forma: seria definida uma data sempre no último dia de cada mês, com um tema pré-estabelecido até da metade daquele mês. A duração dos encontros seria de duas horas (2) e, nesse dia, cada participante levaria algo para colaborar com um lanche coletivo, nesse momento os docentes além de confraternizar teriam um monte de sociabilidade e lugar de fala para debater, explicar seus conceitos, teorias e opiniões sobre o assunto escolhido.

Público destinado a atividade: professores

Dentre os objetivos desta atividade esperamos que os docentes consigam ter um espaço para interagir, que tenham seu momento de fala e de escuta de forma organizada. Acreditamos que a sala dos professores a partir desses encontros possa ser vista como um espaço menos formal, visto que, aquele local servirá para debates despreziosos sobre assuntos que não estejam ligados diretamente a escola.

Justificamos a necessidade desse espaço para os docentes, pois, sabemos que esses debates até ocorrem em pequenos grupos e, mesmo que não seja a intenção, acaba causando estranheza em alguns colegas. Isolamento em outros e fazendo com que o ambiente de trabalho, no caso a escola, se transforme em um local de mal-estar, logo, um espaço organizado, com o grande grupo presente, com datas e pautas pré-estabelecidas permitirá que os colegas tenham trocas mais sólidas uns com os outros.

Proposta 2: instrumento de orientação.

Quem deveria estar à frente da atividade? A orientação educacional da escola.

Esta atividade seria realizada a partir da elaboração de um instrumento, que constituiria em uma espécie de ficha de desabafo seja em formato de ficha impresso ou online. Os professores utilizariam esta ficha para fazer um desabafo

de situações cotidianas, anseios e frustrações diárias e, por conseguinte, o orientador disponibilizaria parte de seu tempo para analisar e tentar minimizar e/ou resolver tais situações. Num primeiro a ideia que se tentasse através de diálogo ou dependendo da situação até mesmo fazendo um encaminhamento para um psicólogo. Nesse sentido, pretendemos que a escola consiga, um parceiro da área da psicologia para atender essas demandas.

Público destinado a atividade: professores

Esta proposta foi idealizada com o objetivo de oferecer um apoio direcionado e diferenciado para os docentes. Isto é, um espaço que eles saibam que podem recorrer dentro do âmbito escolar, uma vez que, muitos casos que acomete a saúde destes são oriundos do próprio local de trabalho.

Justificamos a idealização desta proposta como uma necessidade de aporte para o docente dentro da escola. Isso é ganho na qualidade de vida e, não deixa ser uma valorização, na medida em que se oportuniza um olhar diferenciado para docente e para sua saúde.

Proposta 3: divulgações de trabalhos.

Quem deveria estar à frente da atividade? A direção/ supervisão.

Essa ação surge com a intenção de fazer um melhor uso das redes sociais da escola, ou seja, organizar e padronizar a divulgação de atividades realizadas pelos docentes dentro e fora da sala de aula. Dessa maneira, acreditamos que uma pessoa deveria ser a responsável por realizar esta padronização, inclusive poderia ser um (a) estagiário (a). Este ficaria com a incumbência de passar nas aulas e verificar com os professores, se haveria algo no referido dia que o docente quisesse realizar a divulgação pela rede social. Em caso positivo, o próprio estagiário já tiraria as fotos e faria uma pequena matéria sobre assunto.

Público destinado a atividade: professores

Com relação aos objetivos desta atividade pretendemos dar visibilidade e valorizar o trabalho dos professores. Além de motivá-los mediante a divulgação de suas práticas pedagógicas.

Justificamos essa ação como necessária, pois, alguns professores já postam por conta própria nas suas redes sociais e, igualmente, a direção também o faz. Entretanto, a maneira como ocorre as postagens na rede social da escola foi evidenciada nos encontros como um dos fatores que causa mal-

estar, pois, parece que a escola dá destaque a alguns professores e, a outros não tanto. Isso gera um desconforto para ambos os lados, portanto, a ideia de padronização na rede social da escola minimiza tais danos.

Proposta 4: apoio de profissionais.

Quem deveria estar à frente da atividade? Para a direção e para SMED.

Esta proposta surge para possibilitar melhores condições de salubridade na vida dos docentes, ou seja, a um interesse que a escola tenha parceiros da área da psicologia e da educação física que possam atender e realizar atividades diferenciadas para os professores. Acreditamos que o ideal seria ter esses dois profissionais atuando diariamente na escola, pois, quando um docente precisasse ser encaminhado para um psicólogo já teria atendimento no próprio lugar de trabalho. Da mesma forma, o educador físico poderia utilizar o tempo vago dos professores para proporcionar pequenos momentos de alongamentos e atividades dirigidas aos professores.

O objetivo desta atividade é justamente atender as demandas que foram trazidas durante os encontros, dando um suporte para o profissional dentro da própria escola. Nesse sentido, foi sugerido que a escola buscasse a Secretaria de Educação e de Saúde do município, assim como recorresse a órgãos privados para realizar essa parceria, ou até mesmo utilizasse recursos próprios da escola para essas contratações.

Público destinado a atividade: professores

O principal objetivo desta atividade é manter o físico e o emocional dos professores equilibrados, de forma que o docente se sintam confiantes, acolhidos e assistidos pela escola.

Justificamos que a possibilidade de ter um atendimento diferenciado por profissionais especializados na escola permite diagnósticos preventivos e, possíveis acompanhamentos com relação a saúde dos docentes.

Proposta 5: cumpra a lei.

Quem deveria estar à frente da atividade? A direção e autoridades competentes.

Essa proposta é uma cobrança com relação a hora atividade. Isto é, a lei ampara o docente com o benefício da hora atividade que consta na lei do piso.

Lei esta que não está sendo cumprida no município, a hora atividade é um período de 2 horas semanais, em que o professor fica na escola, porém, ele sai da sala de aula e tem o espaço destinado para correção de provas e trabalhos, interação com os outros docentes e todo tipo de resolução. Nessa perspectiva, foi pedido pelos participantes para a direção buscar junto as autoridades e ao sindicato, uma resolução para que esse benefício previsto em lei possa ser garantido.

Público destinado a atividade: professores

Dentre os objetivos desta atividade se pretende assegurar um direito garantido em lei, além de oportunizar que essas duas horas sejam utilizadas de forma proveitosa para os docentes, haja vista, que a carga horária exaustiva é um dos grandes fatores que possibilitam que o docente adoença.

Justificamos essa ação justamente porque não podemos ser passivos a tantos cortes na área educacional e, este por sua vez, tem afetado diretamente a saúde dos docentes.

Proposta 6: Ambiente causador de boas sensações.

Quem deveria estar à frente da atividade? A direção.

Esta ação visa o investimento em recursos estruturais para o ambiente escolar, atentando para o bem-estar dos profissionais. Quanto mais prazeroso o ambiente maior são as sensações e/ou sentimentos de felicidade, bom humor prazer, entre outros. Nesse sentido, os participantes enfatizaram questões que envolvem uma escola limpa, entre elas: pintura externa/interna, grafite, decoração ornamentais, plantas, flores e tudo que produza uma harmonização no ambiente. Foi elencado ainda que verdes (plantas e flores) faz com que o docente se sinta bem em estar ali, visto que, diminui tensões, mal-estar e estresse. Outra situação exposta foi com relação a manutenção, os participantes enfatizaram a importância de manter o ano todo a escola em boas condições, de mudar cores e decorativos seguidamente, para que o espaço físico seja renovado, bem como, o ânimo e a motivação dos professores também.

Público destinado a atividade: professores

O objetivo desta ação é valorizar, motivar e propiciar o de bem-estar no ambiente de trabalho. Justificamos assim que condições envolvendo sujeira, mofo e umidade, dentre outras não estimulam e tampouco possibilitam que os

sujeitos se sintam bem. Certamente além de desmotivar o trabalhador tais situações tornam o espaço nocivo físico e emocionalmente.

Proposta 7: Determinação.

Quem deveria estar à frente da atividade? A direção.

Grande parte dos questionamentos realizados pelos participantes se centram nas determinações que lhes são impostas. Nessa lógica foi solicitado mais apoio da direção da escola, com relação às ordens de cima para baixo que chegam, por meio da SMED. Os participantes alegam que, muitas vezes, as determinações não fazem sentido algum. Foi utilizada inclusive a expressão “é tudo de ontem para hoje”, ou seja, não uma programação para uma aplicabilidade. Fato este que tem causado danos organizacionais ao professor, bem como estresse por saber que não está sendo feita de forma correta e justa dentro de um sistema democrático.

Público destinado a atividade: professores

O objetivo desta atividade é possibilitar que direção e professores tenham mais autonomia e diálogo diante das imposições que lhes são colocadas. Que a direção discuta mais com os docentes, que os chame para as tomadas de decisões, para que o espaço escolar possa de fato ser um ambiente democrático.

Por esse ângulo, justificamos esta proposta, com a intenção que a gestão chame a coletividade para tomar e discutir as decisões. Certamente assim como os professores querem ser chamados para construir o bem viver escolar. Os pais, os estudantes e a comunidade também aguarda este momento. Isso faz parte de um ambiente democrático. Além de dar voz aos sujeitos são propiciados outros olhares que destoam de cadeias hierárquicas, na medida em que todos são sujeitos ativos.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, acreditamos que é possível minimizar o adoecimento do professor se tornando uma realidade no ambiente educativo, porém, para essa concretização o diálogo deve ser oportuno para os sujeitos. Isso quer dizer, que é necessário escutar o outro, pois, por mais estranho que pareça nossas individualidades nos induzem a falarmos mais do que ouvirmos, como se somente o nosso conhecimento fosse primordial.

Tal afirmação se funda, principalmente, nos encontros realizados com os participantes, visto que, naquele momento enquanto o pesquisador não atuava na condição de vice-diretor assumiu o papel de ouvinte, refletindo, analisando e escutando a fala de cada participante. Condição esta que talvez a correria do cargo de vice-diretor não o permitisse ocupar.

Dito isso, assumir essa condição de ouvinte também possibilitou ao próprio pesquisador refletir sobre o seu “eu”, assim como, o quanto é necessário desacelerar. Isso é ganho na qualidade de vida, isso é compromisso com a saúde, com o bem-estar individual e coletivo, portanto, quando percebemos as nossas fragilidades se torna mais fácil enxergar a dos outros. Nesse sentido, essa pesquisa foi elaborada e executada justamente com esta intenção, isto é, de melhorarmos as relações de convivência e de saúde atentando para necessidade de repensar o espaço escolar.

Sendo assim, a partir das ponderações suscitadas nos quatro (04) encontros, bem como, através da organização do material oriundo das gravações que analisamos para observar o adoecimento no processo educativo, notamos um grande interesse dos participantes em resolver os impasses que de certa forma, contribuem para o adoecimento docente. Interesse este, que foi crescendo a cada encontro.

Dessa maneira, ascendemos e construímos juntos através das trocas realizadas durante o período que estávamos reunidos, logo, tudo isso foi fortalecendo nossos laços, gerando confiança e nos preparando para montagem do documento final que ficaria para escola e, que nada mais era, do que um produto fruto dos encontros.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que a autonomia, o posicionamento crítico-reflexivo e o empoderamento dos sujeitos é de suma importância no

âmbito particular e social, portanto, essas percepções precisam ser percebidas dentro das instituições de ensino. Por esse ângulo,

(...) pensando numa sociedade ideal que garanta a dignidade a todas e todos os seres, caberia uma reflexão sobre o cenário atual, ou seja, seria interessante pensarmos se vivemos uma democracia ou momentos democráticos? Quem sabe se ariscássemos essa última hipótese, por mais doído que seja, talvez a chance de acerto fosse maior diante da conjuntura atual, na medida em que, a censura e a opressão a todos os meios de comunicação, bem como, ao sistema educativo é relativamente grande (MEDEIROS, 2021, p. 158).

Nessa lógica, é necessário que os profissionais do ensino sejam resistentes a tantas medidas descabidas e opressoras, para isso, precisam se perceber historicamente. Esse movimento independente ficou perceptível conforme os participantes iam externalizando sentimentos até então silenciados. Aos poucos, eles foram compreendendo o quanto eram especiais e o quanto estavam produzindo a diferença nas suas práxis e, conseqüentemente, na sua maneira de posicionar no mundo a partir de suas falas emancipatórias que permitiram esse reconhecimento.

Dessa forma, pensando em propiciar melhorias na qualidade da educação no âmbito escolar e, por conseguinte, na promoção da saúde docente esperamos que a Escola Municipal de Ensino Fundamental General Antônio de Sampaio possa tirar proveito dessas ações para o crescimento coletivo da instituição. Indo além, almejamos que os sujeitos que integram a escola percebam o seu potencial e ocupem, de maneira ativa os espaços formativos.

Nesse contexto, esperamos que os caminhos percorridos com os participantes dessa pesquisa proporcionem novos olhares, anseios e problematizações para esses sujeitos. Ansiamos ainda por outras pesquisas, pois o aprendizado deve ser uma constante na vida dos sujeitos. O saber nos fortalece, nos faz crescer e nos permite lutar individual e/ou coletivamente. Que possamos ocupar e ofertar outros espaços formativos, e que eles sejam pautados na construção coletiva e afetiva como a que foi realizada neste estudo.

Por fim esperamos que esse trabalho possa provocar outras reflexões, haja vista, que encerramos um ciclo e outros virão para nos tornar melhores observadores, mais críticos, bons ouvintes, muito mais esperançosos e preparados para lutarmos contra todos os males que acometem o adoecimento.

Reivindicando cada vez mais, por ações que promovam um olhar diferenciado para a saúde e na qualidade de vida do docente, uma vez que isso refletirá em melhorias no processo educativo.

12. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Sérgio de. **Políticas públicas: discutindo modelos e alguns problemas de implementação.** In: SANTOS JÚNIOR, Orlando A. Dos (et. al.). Políticas públicas e gestão local: programa interdisciplinar de capacitação de conselheiros municipais. Rio de Janeiro: FASE, 2003.

BACHRACHB, P. e BARATZ, M. S. "Two Faces of Power", *American Science Review* 56: 947-952. 1962.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** SP: Edições 70, 2011

BEDIN, E.; DEL PINO, J. C. **Rodas de conversa na universidade: formação docente tecnológica em ciências: metodologias de cunho interdisciplinar.** In: CONGRESO INTERNACIONAL DE FORMACIÓN DE PROFESORES DE CIENCIAS, 7., 2016, Bogotá. Memorias... Bogotá: Facultad de Ciencia y Tecnología/Universidad Pedagógica Nacional, 2016. p. 1413-1419.

BEDIN, Everton; DEL PINO, José Claudio. **Interações e intercessões em rodas de conversa: espaços de formação inicial docente.** *Rev. bras. Estud. pedagog.*, Brasília, v. 99, n. 251, p. 222-238, jan./abr. 2018.

BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. **Considerações sobre a síndrome de burnout e seu impacto no ensino.** *Boletim de Psicologia*, São Paulo, v. 62, nº 137, p. 155-168, 2012.

BRASIL. **Decreto lei nº 3.048 de 06 de maio de 1999.** Aprova o regulamento da previdência social, e dá outras providências. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=3048&ano=1999&ato=931oXSE5keNpWT08f>. Acesso nov, 2022.

BRASIL. **Lei Federal nº 9.394/1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Ministério da Educação, dezembro de 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: out. 2021

BRASIL. **Lei Federal nº 11.738/2008.** Regulamenta a alínea "e" do inciso III do **caput** do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm. Acesso em: out, 2021.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CARLOTTO, M. S. **Síndrome de Burnout em professores: avaliação, fatores associados e intervenção**. Porto, Portugal: LivPsic, 2012

CARR, W.; KEMMIS, S. **Becoming Critical: Education, Knowledge and Action Research**. London: The Falmer Press, 1986.

CASTRO, Vanessa Mariano de. **TRABALHO E SAÚDE: ESTUDO SOBRE O ADOECIMENTO DOCENTE**. Temas em Educ. e Saúde, Araraquara, v. 16, n. 1, p. 63-83, jan./jun., 2020.

CELLARD, André. A análise documental. In: Jean Poupart, et al. (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHIAVENATO, Idalberto. **Recursos humanos: o capital humano das organizações**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

COELHO, M. T. Á. D. & ALMEIDA FILHO, N. de. **Análise do conceito de saúde a partir da epistemologia de Canguilhem e Foucault**. In: GOLDENBERG, P.; GOMES, M. H. de A. & MARSIGLIA, R. M. G. (Orgs.) O Clássico e o Novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003

CRESWELL, JW. **Explorando as tensões dialéticas no discurso em métodos mistos: o que é pesquisa de métodos mistos?** Artigo apresentado na Conferência QI2007 , Urbana-Champaign, IL, 2007,

CZEKSTER, Michele Dorneles. V. **Sofrimento e prazer no Trabalho Docente em Escola Pública**, 2009 Disponível em <http://www.lume.ufrg.br/handle/10183/10623>. Acesso em 20 de agosto de 2021.

DAL ROSSO, S. **Mais trabalho!: a intensificação do labor na sociedade contemporânea**. São Paulo: Boitempo, 2008.

DAMÁSIO, B. F.; MELO, R. L.; SILVA, J. P. **Sentido de vida, bem-estar psicológico e qualidade de vida em professores escolares**. Paideia, v. 23, nº 54, p. 73-82, 2013. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12302/pesquisa-indica-que-66-dos-professores-ja-precisaram-se-afastar-devido-a-problemas-de-saude>. Acesso em: Jan. 2022.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Tradução de Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2007

DUARTE, A. et al. **Envolvimento docente na interpretação do seu trabalho: uma estratégia metodológica**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 133, p. 221- 236, jan./abr. 2008.

DUARTE, Adriana. **Políticas públicas e educação: regulação e conhecimento**. 2011.

DURAKU, Z. H., &HOXHA, L. (2020, preprint). **The impact of COVID-19 on education and on the well-being of teachers, parents, and students: Challenges related to remote (online) learning and opportunities for advancing the quality of education**.

Recuperadode:https://www.researchgate.net/publication/341297812_The_impact_of_COVID19_on_education_and_on_the_wellbeing_of_teachers_parents_and_students_Challenges_related_to_remote_online_learning_and_opportunities_for_advancing_the_quality_of_education.

DYE, Thomas D. **Understanding Public Policy**. Englewood Cliffs, N.J.: PrenticeHall. 1984

ESTEVE, José M., **Mal-estar docente: a sala de aula e saúde dos professores**. Bauru: EDUSC. 1999.

ESTEVE, José Manuel. **Mudanças Sociais e a função docente**. Lisboa, Portugal: Porto Editora. 1995.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias **O adoecimento do professor frente à violência na escola**. Universidade Estadual de Maringá, Paraná, PR, Brasil, Ano da publicação: 2019.

FERREIRA, Patrícia Aparecida. **Gestão de Políticas Públicas**: uma proposta de modelo processual de análise. Tese (Doutorado em Administração), Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG, 2011.

FERREIRA, M. C. & MENDES, A. M.. **Trabalho e riscos de adoecimento: o caso dos auditores-fiscais da Previdência Social Brasileira**. Brasília: Ler, Pensar e Agir, 2003.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da Pesquisa-Ação**. In: Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set/dez, 2005.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FRIGOTTO, G. **A Produtividade da escola improdutiva**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FURTADO, J. (2020). **Não fomos preparados para isso!** Live (1h 12 min 38 seg). Publicado pelo canal Sala dos Professores. Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=fbg66jVhq_8.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs). **Métodos de Pesquisa**. 1 ed. UFRG Editora.2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em fev. 2021

JÁEN, M. J. **Os docentes e a racionalização do trabalho em educação: elementos para uma crítica da teoria da proletarização dos docentes**. Teoria & Educação, Porto Alegre, n. 4, p. 74-90, 1991.

JUNIOR, Mario Luiz Junges. **Precarização do trabalho e adoecimento: a realidade de professores em uma rede de educação num município ao norte do rio grande do sul.** Dissertação de Mestrado Universidade de Passo Fundo. RS Ano de publicação 2020.

GOMES, L.; BRITTO, J. **Desafios e possibilidades ao trabalho docente e sua relação com a saúde.** Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, ano 6, nº 1, 2006.

GOMES, Valdete Aparecida Fernandes Moutinho; NUNES, Célia Maria Fernandes; PÁDUA, Karla Cunha. **Condições de trabalho e valorização docente: um diálogo com professoras do ensino fundamental I***, Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). Mariana, Minas Gerais. Ano da publicação 2019.

GOUVÊA, L. A. V. N. de. **As condições de trabalho e o adoecimento de professores na agenda de uma entidade sindical.** Revista Saúde Debate, Rio de Janeiro, v. 40, n. 111, p.206-219, out./dez. 2016.

LANDINI, Tatiana Savoia. (2006), **“Violência sexual contra crianças na mídia impressa: Gênero e geração”**. Cadernos Pagu, nº 26, pp. 225-252.

LANE, Silvia. Tatiana Maurer. **O que é psicologia social.** 4. ed., São Paulo: Brasiliens, 1983.

LEITE MP, SOUZA AN. (coord.). **Condições de trabalho e suas repercussões na saúde de professores da educação básica no Brasil: estado da arte.** Campinas: Fundacentro/Unicamp, 2007.

LIPP, Marilda Novaes (org.). **O Stress do Professor.** Campinas, SP: Papyrus, 2002.

LOPES, B.; AMARAL, J. N.; WAHRENDORFF, R.. **Políticas Públicas: conceitos e práticas.** Belo Horizonte: Sebrae, 2008.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli, E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens Qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986

LYNN, L. E. Designing Public Policy: A Casebook on the Role of Policy Analysis. Santa Monica, Calif.: Goodyear. 1980.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica/etnopesquisa-formação**. Brasília:LiberLivro 2010.

MARQUES, S., MARTINS, G., & SOBRINHO, O. (2011). Saúde, trabalho e subjetividade: absenteísmo-doença de trabalhadores em uma universidade pública. Cadernos EBAPE, 9(ed. esp.), 669-680. doi: 10.1590/S1679-3951.2011000600012

MARX, Karl. **As Lutas de Classes na França**. São Paulo, Global, 1986.

MARX, K. **O capital**. V. I, tomo 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985 a. Livro 1, v.1, t.1. (Os economistas).

MARX, Karl. **Elementos Fundamentais para a crítica de la Economia Política**. (Grundrisse). Trad. Pedro Scaron. MEXico: Ed. SigloVeintiuno, 1986.

MEAD, L. M. “**Public Policy: Vision, Potential, Limits**”, Policy Currents, Fevereiro: 1-4. 1995.

MEDEIROS, Suellen Ribeiro. **EDUCAÇÃO PARA PAZ: RESOLUÇÃO DE CONFLITOS NO AMBIENTE ESCOLAR**. /Suellen Ribeiro Medeiros. 211p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pampa, MESTRADO EM EDUCAÇÃO, 2021.

MENDES, A. R. **Saúde docente: uma realidade detectada** - em direção ao bemestar e a realização profissional. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2011.

MENDES, A.M & MORRONE, C.F. Vivências de prazer-sofrimento e saúde psíquica no trabalho: trajetórias conceitual e empírica. In: MENDES, A.M; FERREIRA, M.C. **Trabalho em transição**, Saúde em risco. Brasília:UnB, 2002.

MINAYO, M. C. de S. **Enfoque ecossistêmico de saúde e qualidade de vida.** In: MINAYO, M. C. de S. & MIRANDA, A. C. de. Saúde e Ambiente Sustentável: estreitando nós. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

MORENO, Câmala de Menezes Costa. **O trabalho docente e a saúde do professor: configurações e determinantes do trabalho de ensinar.** Dissertação de Mestrado Universidade Federal do Acre – Ufac, Ano de publicação 2016.

MOURA, Dante; LIMA FILHO, Domingos; SILVA, Ribeiro. **Politecnia e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira.** In: Anais: 35ª Reunião anual da ANPEd: Porto de Galinhas, 2012 (mimeo)

MOURA, Juliana da Silva. **Transtornos mentais e comportamentais em professores e as implicações para a carreira docente.** Vitória da Conquista-BA: UESB, Dissertação de Mestrado Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Ano de publicação 2020.

MUNHOZ, Antônio Siemsen. **Aprendizagem baseada em problemas.** São Paulo: CENGAGE, 2018

NASCIMENTO, P. M.; RAMOS, D. L.; MELO, A. A. S.; CASTIONI, R. **Acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia.** IPEA, Brasil, 2020.

NETA, Abília Ana de Castro. **A precarização do trabalho e os impactos para o processo de adoção da classe trabalhadora docente.** Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Ano de publicação 2020.

OMS – Organização Mundial da Saúde, 2019.

OLIVAR, Monica Simone Pereira. **O campo político da saúde do trabalhador e o serviço social.** Serv. Soc. Soc. São Paulo, n. 102, p. 314-338, abr./jun. 2010.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização.** Revista Educação & Sociedade, vol. 25, n. 89, p. 1127-1144, set./dez. 2004.

OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C. & VIEIRA, L. M. F. **Dicionário de trabalho, profissão e condição docente (CD-ROM)**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

PAPARELLI, Renata. **Saúde mental relacionada ao trabalho: o caso de educadores da rede pública d ensino Paulistana**. IN. SANT´ANA. Raquel PETERS, B. G. **American PublicPolicy**. Chatham, N.J.: ChathamHouse. 1986

PENTEADO, Regina Zanella de; NETO, Samuel de Souza. **Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão**, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Instituto de Biociências. Departamento de Educação. Rio Claro, SP, Brasil. Ano da publicação: 2019.

PEREIRA, Leandro Queiroz. **Adoecimento e afastamentos de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental em Patos de Minas, MG: 2018 a 2019**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Uberaba. Ano de publicação 2020.

PEREIRA, É. F.; TEIXEIRA, C. S.; ANDRADE, R. D.; BLEYER, F. T. S.; LOPES, A. S. **Associação entre o perfil de ambiente e condições de trabalho com a percepção de saúde e qualidade de vida em professores de Educação Básica**. *Cad. Saúde Colet.*, Rio de Janeiro, v. 22, nº 2, p. 113-119, 2014.

PETERS, B. G. *American Public Policy*. Chatham, N.J.: Chatham House. 1986.

PINHEIRO, Jaqueline Marafon. **Os discursos do adoecimento docente no Brasil: uma problematização do endividamento docente**. Tese (doutorado) Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo RS. Ano de publicação 2020.

PIOLLI, Evaldo; SILVA, Eduardo Pinto e; HELOANI, José Roberto M **Plano nacional de educação, autonomia controlada e adoecimento do professor**. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação (Unicamp/FE), Campinas, SP, Brasil. Universidade Federal de São Carlos, Faculdade de Educação (UFSCar/FE), São Carlos, SP, Brasil. Ano de publicação 2015

REIS, Geny Gonçalves dos. **Sufrimento e prazer no trabalho: um estudo sobre os processos de saúde-doença de professores da educação municipal**. Dissertação de Mestrado- Universidade Federal de São Carlos, Ano de publicação 2017.

RIBEIRO, Nuno Cobra. **A semente da vitória**. 15ª ed. São Paulo: Senac-SP, 2001.

RODRIGUES, J. A. **O mal-estar docente: trabalho, saúde e educação**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc, Campus de Joaçaba, 2009. 153 p.

SABROZA, P. C. **Concepções de Saúde e Doença**. Rio de Janeiro: EAD, (Texto de Apoio ao módulo I do Curso de Especialização em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde). Ensp, 2001.

SADALLA, A. M.; LAROCCA, P. Autoscopia: um procedimento de pesquisa e de formação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n.3, p. 419-433, set-dez. 2004.

SALVARO, M. S. **Processo de trabalho docente: relação entre o ser e o adoecer**. 2009. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2009.

SANTANA, Franciele Ariene Lopes; NEVES, Ilídio Roda. **Saúde do trabalhador em educação: a gestão da saúde de professores de escolas públicas brasileiras**, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação Social. Corumbá, MS, Brasil. Ano da publicação: 2018

SAVIANI, D. **O trabalho como princípio educativo frente as novas tecnologias**. In: FERRETTI, C.J. et al. (Org.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1986.

SAVIANI, D. **O choque teórico da politecnia**. In: *Educação, Trabalho e Saúde*. Rio de Janeiro: EPSJV/FIOCRUZ, v. 1, p. 131-152, 2003.

SAVIANI, D. Formação de Professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**. v. 14 n. 40. Jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>. Acessado em: 10.01.2022

SILVA, S. P. **O processo de implementação das políticas educacionais e repercussões nas formas de gestão da escola e no processo de ensino-**

aprendizagem: o pacto pela educação em Goiás. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Pontifícia Universidade Católica. Goiás: PUC, 2014. 249 p.

SOLIMÕES, Andréa Cristina Cunha. **Impactos da precarização do trabalho sobre a saúde das docentes da educação infantil.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, Ano de publicação 2015.

SORATTO, Lúcia; OLIVIER-HECKLER, Cristiane. Os trabalhadores e seu trabalho. In: CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho.** Petrópolis, RJ: Vozes - Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

SOUZA, Aparecida Neri de; LEITE, Marcia de Paula. **Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil.** *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1105-1121, Dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v32n117/v32n117a12.pdf>. Acesso em: 11 Set. 2021.

SOUZA, Jane Rose Silva. **A relação entre as condições de trabalho e o adoecimento do trabalhador docente brasileiro** /Jane Rose Silva Souza. – Rio de Janeiro, 2015. 86 f.

SOUZA, Edna Maria Rodrigues de; COUTINHO, Diógenes José Gusmão. **Adoecimento das professoras das primeiras letras em Olinda: sintomas, queixas e diagnósticos.** Prefeitura da Cidade de Olinda, Recife, PE, Brasil. Faculdade ALPHA, Recife, PE, Brasil. Ano da publicação 2018.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** Trad. João Batista Kreuch. – 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

TRIGO, Telma Ramos; TENG, Chei Tung; HALLAR, Jaime Eduardo Cecílio. **Síndrome de burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos.** Revisão da Literatura. Disponível em: <https://www.scielo.br/i/rpc/a/6CTppSZ6X5ZZLY5bXPPFB7S/?format=pdf>. Acesso em dez,2022.

WALLAU, S. M. **Estresse laboral e síndrome de burnout: uma dualidade em estudo.** Novo Hamburgo: Fevale, 2003.

VASCONCELOS, Renata Nunes; MIRANDA, Margarete Parreira. **Psicanálise, educação e o mal estar na formação de professores.** In: *Proceedings online*. Retratos do mal-estar contemporâneo na educação, São Paulo: FE/USP, v. 9, 2012. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/lepsi/n9/a48n9.pdf>. Acesso em: 01 set. 2021.

VIEIRA, J.S.; FONSECA, M.S. **Natureza do trabalho docente.** In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

ZAFALÃO, João Luís. **Professoras e professores: políticas públicas de trabalho e emprego no estado de São Paulo (2007/2018) e seus reflexos no adoecimento.** Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas Dissertação de Mestrado Ano de publicação 2019.

13. APÊNDICES

A - Fotos de alguns encontros









C - Modelo de autorização do uso de imagem e nome

Autorização do uso de imagem e de nome

Eu; _____, portador do documento de RG _____ e do CPF; _____ autorizo o uso do nome no documento elaborado por nós participantes que será entregue na escola, para uso da mesma afim de ajudar com ações a serem desenvolvidas, para que seja minimizado os aspectos que causam o adoecimento. Podendo também utilizar a minha imagem na pesquisa.

Assinatura do pesquisador _____

Assinatura do participante _____

Data da assinatura _____

14. ANEXOS

1-Convite feijoada



FEIJOADA 44 anos do G.A.S.

Aniversário da Escola Sampaio

**Vamos comemorar de uma forma diferente??
cada aluno terá direito a uma marmita, que poderá
ser retirada pelo aluno ou responsável.**

Data: 26.05.21 (quarta-feira)
Hora para retirada: das 11:30 às 13:00

Acompanha: arroz, farofa pão

Apoio:
Arroz Quero Quero
Creche Nosso Lar
Parceiros voluntários

2- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1. Título da pesquisa

O TRABALHO DOCENTE E O MAL-ESTAR NO ÂMBITO ESCOLAR.

2. Justificativa e objetivos da pesquisa

Esse trabalho justifica-se na necessidade de refletirmos sobre o trabalho dos professores, e como a ausência de uma política pública que garanta condições adequadas de trabalho pode trazer consequências para a saúde dos professores. Neste sentido já temos um número significativo de pesquisas que se ocupam do adoecimento na profissão docente. Para Esteve (1999, p. 57), é “um conjunto de consequências negativas que afetam o professor a partir da ação combinada das condições psicológicas e sociais em que se exerce à docência”.

Pensando nisso pretendemos que essa pesquisa possibilite refletir sobre o trabalho docente e seu impacto sobre a qualidade pessoal e profissional na vida desses docentes. Dessa maneira, compreendemos que a partir dos anseios e inquietudes dos docentes, podemos propor estratégias que propiciem um ambiente mais prazeroso para esses profissionais.

Além disso, outro fator que motivou o pesquisador nessa pesquisa tem caráter pessoal, haja vista, que o pesquisador escolheu realizar a pesquisa na escola, em que faz parte do corpo docente por entender que aplicar o projeto de pesquisa nessa escola e não em outra, se dá devido ao fato do pesquisador trabalhar nesse ambiente, no qual observa e sente diariamente frustrações no espaço escolar devido a inúmeros fatores que ocasionam uma série de atestados de saúde colocados pelos professores a cada ano.

Nessa lógica, conforme Chiavenato (2008) a qualidade de vida implica em criar, manter e melhorar o ambiente de trabalho seja em suas condições físicas, psicológicas e sociais. Isso resulta em um ambiente de trabalho agradável, amigável e melhora substancialmente a qualidade de vida das pessoas na organização.

Nesse sentido com relação ao objetivo geral da pesquisa propomos: compreender quais os fatores que desencadeiam o adoecimento ou o mal-estar docente. Elencamos ainda neste estudo os seguintes objetivos específicos: examinar os eventuais fatores que desencadeiam o processo adoecimento docente; verificar como é tratado o adoecimento escolar; observar se há procedimentos de prevenção ao adoecimento escolar; identificar se a pandemia contribuiu para o adoecimento escolar e desencadear no âmbito da escola um debate acerca das condições de trabalho e do adoecimento docente propondo melhorias para o espaço educativo.

3. Procedimentos que serão utilizados

Rodas de conversas com professores e orientadores interessados em participar da pesquisa, anotações em cadernos durante os encontros, e debates sobre o tema proposto.

4. Incômodo ou riscos esperados

Não há nenhum incômodo ou risco a ser esperado nas atividades referentes a presente pesquisa.

5. Benefícios que serão obtidos

Os resultados obtidos trarão informações relevantes afim de criação de um material escrito que ficara para a escola.

6. Garantia de resposta a quaisquer perguntas

Garante-se a todos os participantes o direito de obter informações sobre a pesquisa, a qualquer momento.

7. Garantia de privacidade

A identidade dos investigados será preservada. Em trabalhos realizados a partir das gravações, o nome verdadeiro não será mencionado. Em substituição ao nome, cada informante receberá um número.

DECLARAÇÃO INFORMADA

Declaro que fui informado (a) dos objetivos da pesquisa descrita anteriormente de maneira clara e detalhada. Recebi informações sobre a maneira como serão coletados os dados e tive a oportunidade de esclarecer minhas dúvidas. Sei que, a qualquer momento, poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se desejar.

O pesquisador Bruno Padula Medeiros, responsável pela pesquisa, me garantiu que minha identidade será preservada e de que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação na pesquisa a qualquer momento. Caso tenha dúvidas posso entrar em contato pelos telefones que seguem:

Programa de Pós-Graduação da UNIPAMPA Fone: (53) 21288242
Comitê de Ética Fone: (53) 21288012

Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento Informado.

Assinatura do informante nome completo e data

Assinatura do pesquisador nome completo e data